

ALBERTO ARTUR SARMENTO
Antigo Professor de Ciências Naturais

MAMIFEROS

— do —

ARQUIPELAGO DA MADEIRA

1986
FUNCHAL

Mamíferos do Arquipélago da Madeira

DO AUTOR

Trabalhos publicados :

As Desertas—Monografia de um grupo de ilhotas.

As Selvagens—Monografia de um grupo de ilhotas.

O Funchal—2.^a edição—Publicação comemorativa do quadricentenário de

Os alicerces para a história militar da Madeira—Conferências
tel do R. I. 27.

**Ascendência, naturalidade & Mudança de nome de João Fernandes
Vieira**—Bosquejo histórico.

As Migalhas—2.^a edição—Contos e esboços.

Um ponto de História Pátria—Conferências no quartel do R. I. 27.

História Militar da Madeira—Ensaio documentado.

Corografia elementar do arquipélago da Madeira—Noções mínimas.

Homenagem a João Fernandes Vieira—Discurso na inauguração do seu
monumento,

Madeira-1801-02; 1807-1814—Notas e documentos sobre a ocupação inglesa.

Santo António de Lisboa boquejado na Madeira—No VII centenário da
sua glória.

A Madeira e as Praças de Africa—Esforço antigo madeirense.

As Freguesias da Madeira—Colecção de monografias.

**Noticia histórico-militar sobre a Ilha do Porto Santo—Memória apresentada
à Comissão de História Militar.**

Ecos da «Maria da Fonte» na Madeira—História local.

**Moedas, Sêloa, Papel Selado e medalhas na Madeira—Elementos para
os colecionadores**

Fasquias da Madeira—Retalhos históricos.

Os peixes dos mares da Madeira—Em colaboração com Adolfo de Noronha.

As aves do arquipélago da Madeira—Indígenas e de passagem.

Mamíferos do arquipélago da Madeira—Indígenas e introduzidos.

ALBERTO ARTUR SARMENTO
Antigo Professor de Ciências Naturais

MAMIFEROS

— do —

ARQUIPELAGO DA MADEIRA



1936
FUNCHAL

Composto e impresso no
"DIARIO DE NOTICIAS"

Grato me lembro de minha
associação para o seu
velho companheiro nos
meus históricos, Dr. Dr.
Fernando Augusto de Silva

Maí 1937

J. Alberto F. de Almeida

MAMÍFEROS

Gado grôso e miudo

Por ocasião do reconhecimento da Ilha da Madeira, desembarcou da caravela de Zarco um grupo da equipagem com o fim de explorar a nova terra, e caminhando pelo interior, trouxe depois a notícia de «não haver animais ferozes, nem bichos peçonhentos e nocivos», (*) não encontrando quadrúpedes ou seus vestígios, em toda a batida executada pela selva, moradia apenas de algumas aves.

Assim a notícia foi dada, no regresso a Portugal, e o infante D. Henrique, ao determinar a colonisação, fez expedir, como em nova Arca, os animais que melhor julgou ajustado, aos quais o historiador das Ilhas chama *gado grosso e miudo* que bem se deram na mudança, reproduzindo-se admiravelmente.

Entende-se por gado grosso,—o cavalari, muar, asinino e bovino; e por gado miudo—o ovino, caprino e suino.

Do Algarve veiu a maior parte dos animais, pois nos seus portos se aviavam as caravelas que velejavam mar em fóra, no rumo ás terras descobertas ou á procura doutras, mais adiante.

O gado grosso, mais propriamente destinado ao serviço pessoal e agrícola, condução e lavra, restou inicialmente nas herdades, ao resguardo do palheiro; o gado miudo, do curral passou aos montes a prover-se, dispersando-se na profundeza dos vales,

(*) «Saudades da Terra» L.º 2.º Cap. XIII.

galgando a cordilheira, a procurar abrigo nos algares de enxurrada ou nas cavernas naturais da encosta.

Em poucos anos era já abundante o gado na serra, pois, nas Cartas de Doação, lhe apraz o Infante D. Henrique, «que os gaados brabos posam matar os da ylla asy em hua parte como em outra sem Embargo doutra defesa Resalvamdo hos gaados que amdã em hos ylheos ou outro algum lugar cerrado que ho lançe y ho senhorio».

Procurou-se restringir a área já avassalada em prejuizo das culturas de altitude, e D. Manuel, ainda duque, governador do Mestrado, manda ao capitão do Funchal que «dê curraes na serra pera o gado» (*)

Questões se levantaram sobre a posse dos animais bravios, e veio então nova carta de Extremoz, lida na vereação do Senado da vila do Funchal, em 26 de Março de 1497, confirmando as antigas disposições do infante D. Henrique, concedidas para «que todos possam matar gado sem penna».

A chamada para a concentração, num planalto, era feita ao toque de búzio.

Os pastores deviam olhar pelo seu gado, e assim, convençionaram marcá-lo com um sinal privativo e bem distinto, que geralmente incidia sobre a orelha do animal, apartando em tempo próprio as rezes, a que acudia naturalmente a sua criação.

Fiscalizava-se, portanto, duma maneira simples, o pagamento da dizima, a pagar pelo gado bravoio.

(*) Carta de 22 de Junho de 1492 registada no Arq. Geral da C. M. F. a fis. Rb. (45) do T. I.

Gado cavalari

Os equídeos representaram um papel importante, como animais de sela, na condução dos senhores às suas terras de sesmaria, na ostentação das casas fidalgas, nas caçadas e torneios e ainda apetrechados para a guerra, na defesa local ou em socorro às praças de África.

Cadamosto, navegador venesiano, ao serviço de Portugal, refere-se à Madeira e Porto Santo no seu relato de «Navegação» informando que, em 1445, havia já uns oitocentos homens, entre os quais, cem de cavalo.

Na capitania de Machico, em especial, se lustravam os filhos de Tristam da Ilha, sendo Lançarote, «hum dos melhores gineta-rios, além de por sua inclinação ser mui bom cavalleiro, ter mui grande mão para domar cavallos e dado muito a isso em tanto que em seu tempo se ajuntavam na Villa, sessenta cavalleiros de esporas douradas, muito bem postos, e encavalgados por industria deste Lançarote Teixeira, que, quando vinha hum dia de S. João ou de Corpo de Deus, eram tantos os cavalleiros para jogos de canas e escaramuças, que mais parecia exercito de guerra, que folgar de festa». (*)

Estando a Madeira mais próxima das Conquistas do que Portugal, o esforço insular esteve sempre pronto a cooperar galhardamente, no ataque aos mouros ou acudir no apertado dos cercos, solicitado o auxilio.

Ordenou D. Manoel mandar tomar a cidade de Azamor no anno de 1513... A esta jornada enviou o Capitam Simão Gonçalves da Camara, seu filho herdeiro, João Gonçalves, «com vinte e um navios, seiscentos homens de pee e duzentos de cavallo». (**)

(*) Saudades da Terra, L.º 2.º, Cap. XX.

(**) S. T. Cap. XXXIII.

Nas desavenças locais em que por vezes se terçaram as armas, sendo a mais espetaculosa, a escaramuça das Lombadas, motivada pelo rapto de D. Isabel de Abreu por seu primo António Gonçalves, ajuntou este á sua facção, cincoenta homens de cavallo, buscados á Ponta do Sol e Ribeira Brava. (*)

António Gonçalves casou 2.^a vez com D. Margarida de Villaverde, filha de D. Pedro de Villaverde, capitão de ginetes, e nas festas que mandou El-Rey ao Capitão do Funchal que se fizessem, ajuntaram-se os cavalleiros de toda a ilha, ricamente guarnecidos, trazendo os mais delles dous e tres cavallos adestros, com ricos jaezes e suas cobertas e moxilas de veludo e cabeçadas e esporas douradas». (**)

Emitando D. Manuel, o capitão donatário do Funchal, Simão Gonçalves—o Magnifico—envia ao Papa Leão X um rico presente da Ilha e confecções de alfenim, representando o Sacro Colégio, que foi obra de admiração.

Figurou no cortejo «hum cavallo persio de muito preço que levava de cabresto hum mourisco muito gentil-homem e alto de corpo, vestido em huma marlota de seda». (***)

Quando os corsários franceses se apossaram da cidade do Funchal, em 1566, antes de sairem nos seus galeões mandaram, lançar bando «que toda a pessoa que quizesse comprar trigo e vinho e porcos e bestas asnaes e resgatar seus cavallos podesse hir, e mandar comprar o trigo a real de prata o alqueire e a pipa de vinho a mil reis, e os porcos cevados a cruzado e os cavalos e bestas muares a cruzado tambem, e quem isto quizesse podia hir de paz seguro, sem armas, com dinheiro na mão; e não querendo, lhes fazia saber que haviam de matar todas as alimarias e derramar o vinho e queimar o trigo».

Depois dêste desastre, cuidou-se de fortificar as bordas do mar, nas reinterâncias de desembarcação, com obras improvisadas, e para que diligentemente acudisse o pessoal, foi organizada uma companhia de cavalaria, com voluntários tirados da nobreza, que promoveu a êsse conjunto.

Narrando a vida e costumes de Simão Gonçalves da Cá-

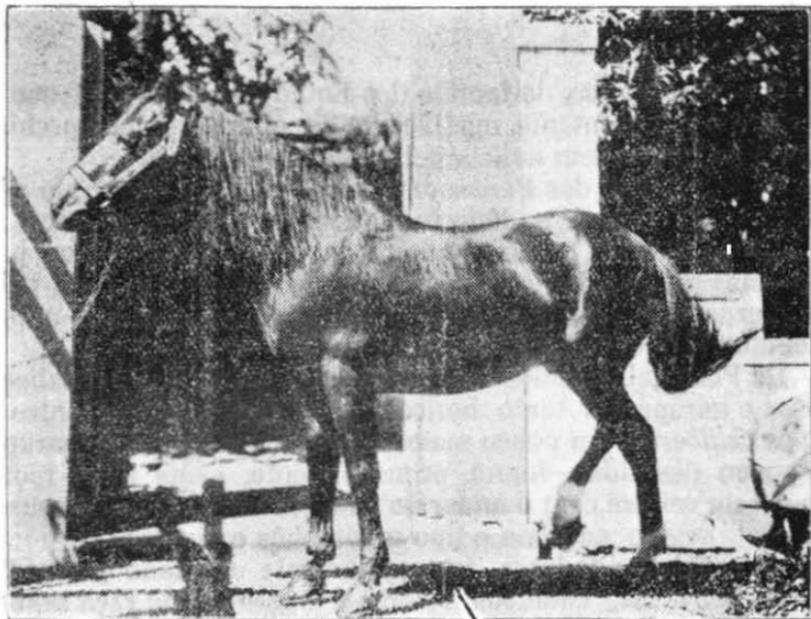
(*) Idem. Cap. XXXVI.

(**) Idem. Cap. XXXVI.

(***) Idem. Cap. XXXIV.

mara, 1.º conde da Calheta, diz Frutuoso (*) que êle «sempre tinha sua estrebaria cheya de bons cavallos e mullas em que os seus amigos e pessoas tinham muito certas as cavalgadas em qualquer tempo e para onde quer que necessarios lhes fossem». (*)

Na solene procissão do Corpo de Deus, no Funchal,—quando a imagem de S. Jorge, protector da milícia portuguesa, ves-



Equus caballus (madalensis)

tido de guerreiro antigo, aparecia escarranchado num magnífico cavalo, com o seu estado maior, constituido por pessoas de cota de armas, em cavalgada—patenteavam-se as mais soberbas montadas, em ornamento custoso de gala. Entre os mistéres, grupavam no préstito, já em 1482, os *albardeyros* acompanhados do seu *emperador*.

Nas vilas, onde não havia o esculpido santo, figurava, por êle, um mancêbo nobre, ladeado de escudeiros montando os melhores cavalos, com adornos vistosos.

Cavalo que não fosse para vender, estava isento pelo foral da cidade, (1515) e incluído no § 16, de que *nam se pagará dizima*.

De toda esta respigação histórica, se depreende o carinho e protecção que, nos tempos idos, votados foram ao inteligente companheiro do homem, e seu servidor, tanto na paz como na guerra.

O genero *equus*, da família dos Equídeos, a que pertence o cavalo, é o representante modificado de outros animais prehistóricos, de que se tem notícia pelas camadas fosseis.

Da sub-ordem dos Perissodátilos, de número impar de dedos, apresenta um só, no tódo formado e revestido pelo casco.

Equus caballus L. é o seu nome científico, incluído nos paquidermes de Cuvier, ou mamíferos não ruminantes, de pele muito espessa, chamado também solípede, de uma só unha, assentando sólidamente o pé.

De Portugal, trazidos os *galizianos*, do norte, de cabeça grossa e garupa um tanto horisontal, e, buscados ao centro e sul, os *celtíberos*, um pouco maiores, cabeça delgada e garupa um pouco descaída,—foram principalmente, estas duas raças que deram origem, com o andar do tempo, á sub-raça madeirense, que nesta região adquiriu o tipo montanhês e pequena corporatura do *cavalinho da terra*, impropriamente chamado *gerico*.(*)

De Marrocos, equídeos velozes e elegantes, da raça arabe, foram conduzidos no retôrno das expedições, tomados no campo ou estabelecida a permuta no trato pacífico, depois das conquistas de áquem-mar..

A população cavalar atingiu grandes proporções e cuidado na criação dos poldros, mas descurado o apuramento e ajuntadas as raças, vieram a descair, na fisionomia típica que o meio ambiente lhe vincou.

Os poucos recursos forraginosos e o abandono na serra, em estado manadio, deram-lhe uma grande resistência, aprumo de

(*) Este nome, em Portugal, designa um jumento.

pernas, um pescôço delgado, cabeça pequena, farto topete, cri-neira e cauda compridas.

Cavalos de marca vieram para as fôças destacadas e for-necidos depois á tropa regional. Na ocupação castelhana deve-riam figurar alguns *andaluzes*, e na britânica do passado século, o chamado *puro-sangue*, inglês.

A antiga Junta Geral, em 1888, estabeleceu um pôsto cou-délico, na Fajã da Ovelha, com um garanhão luzo-arabe, de pouco benefício, pela má qualidade das éguas ajustadas, regres-sando a geração ao típico abastardamento.

Outra tentativa se realizou com um altér-real que fôra ofe-recido por D. Carlos I. depois da sua viagem á Madeira, em 1901.

As arriarias do Funchal apresentaram sempre boas estam-pas, buscadas ás feiras continentais, especialmente de Evora e Golegã, para fornecimento dos equídeos de aluguer, que causa-vam admiração aos estrangeiros, pela grande segurança mani-festada.

Uma modificação foi feita nas ferraduras, em atenção ao piso das calçadas, formado de seixos e calhaus basálticos e ás asperas inclinações dos caminhos, applicando-se, por isso, tam-bem os rompões ás patas dianteiras, para evitar o resvalamento.

Desta confiada firmeza, se aproveitam os arrieiros, pois nas subidas, se agarram á cauda dos cavalos e nêste auxilio são levados, correndo em desmesurado e apressado passo, em ac-mpanhamento do animal.

O cavalinho da terra, além das andaduras normais, execu-ta o *travadinho*, mais veloz que o passo e menos que o trote, movimento vicioso a que se habituou e lho consentiram os fra-cos cavaleiros, embora seja um tanto in ômodo e balouçante, pelo lançamento da mão e pé do animal, quasi ao mesmo tempo, de cada lado. Parece que assim, menos se fatiga, galgando as ladeiras, e avança bem no terreno movimentado.

Compartilhando do esfôrço da rédea, interpreta a frouxidãc governativa, como um desapêgo na direcção, e incumbe-se, em motivo forte, de levar o cavaleiro sonolento da caminhada longa, a bom recato ao domicilio.

Nos planaltos do Paúl da Serra, Poiso e nos terrenos pasci-

gosos da Ponta de S. Lourenço, relinchavam as récuas de pol-dros em liberdade, e era um espectáculo divertido, assistir ao lançamento do laço que os apresava pela cabeça. A resistência oferecida, convulsa, em galões e upas esbravejantes, chamava mais braços robustos aos esticões da corda, e na cólera espumante do empino, chegava o animal, desequilibrado, a derrubar-se de costas. Se acaso, porém, se safava, fugindo numa carreira cega, não media os precipícios e por vezes, a queda se tornava funesta.

Retirados do pasto, eram habituados á palha nas cavalharias e amansados gradualmente até sofrer a sela e o freio,—Do tirante, porém, emparelhado neste caso, um novato ao profissional pacífico.

Antigamente, na maior parte das freguesias, se encontrava ao serviço do pároco, médico e proprietário abastado, um *gerico* para a condução aos lugares mais distantes, mas agora já levou descaminho.

Nalgumas quintas que tinham cavalharia, foi esta transformada em garagem, para automovel particular.

A carruagem que fazia a carreira trissemanal, da cidade á Câmara de Lobos, de escassos assentos, foi eclipsada pelo *horario* veloz, que serpenteia apinhado, para além e de aquém, torneando a Victória.

A motorização, simplificando o espaço e reduzindo o tempo, tende a riscar o cavallo ds estrada, conservando-lhe o nome numa unidade da força. O motor-palha é substituído pela gasolina, num lôgro do progresso que nos sorve o ouro, numa resaca de negociação, para fóra.

Velho e cansado, o cavalinho da terra, demitido da sua nobre missão de pedestal para homem, desceu a rude motor, accionando a ventoinha da primeira fundição de metais, ao Til, puxando á nora, rodando a atafôna no Porto Santo, ou pior ainda, empregado na carga ou no tiro de arrasto, numa atrelagem deprimente, aposta pelo almoceve que pouco ganhando para comer, lhe mingôa a ração, descarnando o cavernâme.

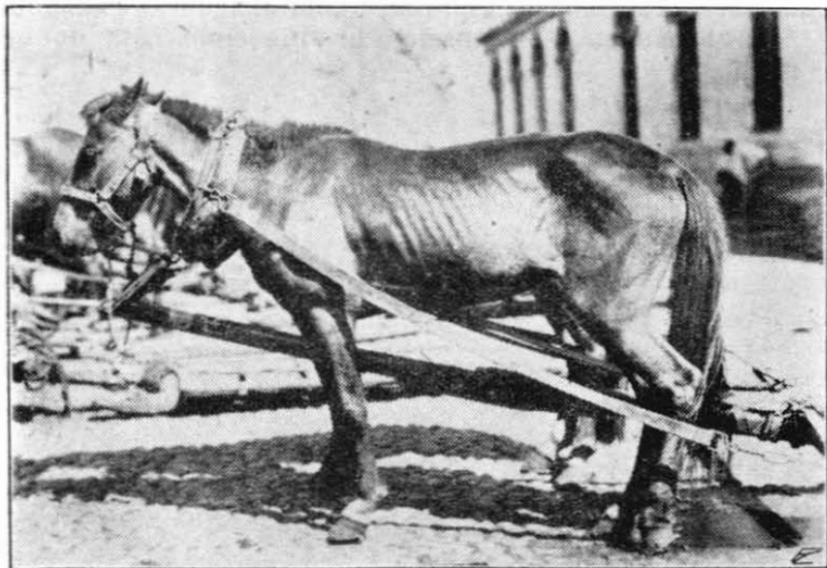
Já lhe chamaram *poney*, os que estudam as coisas alheias, tendo muito das suas para averiguar, mas a raça minúscula do Norte da Europa e Extremo Oriente, pouco tem que vêr com o *gerico* madeirense.

O mais pequeno, de estatura média, pouco mais de 1 m.,

produzido nas Ilhas Shetland, vizinhas da Escócia, é deselegante e de cabeça robusta, abundante de pelagem protectora da neve, as mãos assás desenvolvidas, o ventre grôssos, alimentando-se no estado selvático das ervas dos charcos e líquenes da rocha.

Pela sua resistência especial ás baixas temperaturas, utilizou-o Shackleton, na sua expedição em 1908, ao pólo antártico.

O «Arrolamento Geral dos Gados» publicado no presente ano, pela Direcção Geral dos serviços pecuários, dá apenas o



Misero «gerico» em decadência

número 62, para o gado cabalino neste Distrito. A comparação só se pode fazer sobre o arrolamento efectuado em 1852.

Existe, porém, um relatório impresso, da Junta Geral do Distrito do Funchal, referente ao ano de 1876, acusando o mapa n.º 67, as diferentes espécies de gado distribuido pelos concelhos, mencionando o total de 271, para a raça cavalar.

Mais.—No Boletim da Direcção Geral de Agricultura, n.º 11—1897 vem publicado o relatório do veterinário do Funchal, J. Tierno, com gráficos e mapas elucidativos do gado, por con-

celhos e freguesias, indicando os cavalos e éguas, de marca, e menos de marca, as crias de dois e três anos, etc., no total de 309. Do tipo terrantês figuram 159.

De uns e outros, encontravam-se no pasto 124, e em estabulação 185, entre montadas particulares e cavalos para aluguer.

De então, para o presente, o decréscimo foi portanto de 80 %.

As diferentes raças cavallares podem ser importadas, porém, a sub-raça local, sendo despresada, naturalmente se extinguirá.

Uns anos mais, e pertencerá á história embaciada do que se não fixou.



Gado muar

Desde os primeiros tempos da monarquia, por uma interpretação de cavalheirismo, estava defeso o abastardamento da raça e cruzamento de sangue menos condigno, purificação enviada, estendida ao irracional. Aflora sempre, no entanto, uma rebeldia nata contra o que fôr estatuído.



Muares carregando areia na praia do Funchal

O arguto D. João II, desentrançando maroteiras, e querendo acabar com os mus que abundavam em Portugal e seus domínios, deu á luz uma Carta Régia «com hua ordenaçam em que manda que nestes Reygnos nam haja bestas muares de sella & frêo». (*)

D. Manuel, porém, não foi tão severo, e atendendo, provavelmente, ao pedido do donatário Simão que nove vezes foi a Africa, em volun'ário auxílio, lhe concedeu, para a sua capitania, a utilização de muares, como ressalta do alvará dizendo «que na nossa ylha da madeyra na parte do funchall has possa trazer quê quizer». (**)

O piedoso D. João III, não consente mais, que um muar por casal, e as Côrtes em 1581, na unificação peninsular, revogaram

(*) Expedida de Lavradio, em 6 de Novembro de 1492. Tombada no Arq. G. da Camara M. do Funchal. T.º I fs. lxx (61).

(**) Idem. Torres Vedras, em 5 de Setembro de 1496. T.º I. cclRilij (294).

a restrição do achegamento entre as raças cavalar e asinina.

Desenvolveu-se, dêste modo, a produção bastarda e o historiador das Ilhas vem dizendo que na ilha do Porto Santo havia boas bestas muares. Numa passagem do Cap. XVII, Fructuoso salienta a montada de Cristovam Esmeraldo, o qual «andava no Funchal sobre huma mula muito fermosa, com outo homens detraz de si, quatro de capa e quatro mancebos em corpo, filhos de homens honrados, muito bem tractados».

Muitos fidalgos, embora podendo ter cavalo, preferiam para jornada longa, a sela sobre o macho, por mais seguro e pacífico, desafecto ao preceito natural. Assim, foi para os eclesiásticos, o seu animal de freio, sem dar azo a zombaria, pelo inferido quebrantamento.

Estabelecida a feitoria britânica na Madeira, no século XVII, entre as múltiplas concessões aos ingleses residentes, podiam ter bêstas muares de sela e freio, privilégio que se não estendia a todos os negociantes nacionais.

Do cruzamento equino de diferente espécie, proveiu o gado muar, criação provocada, estancando em esterilidade, com rarisimas excepções.

O acasalamento trocado efectua-se:

- a)—entre o cavalo e a búrria, dando os mestiços *hynnus*—macho e mula.
- b)—entre o burro e a egua, os mestiços *mulus*—o mulo e a mula.

Antigamente, o termo *mulato*, encontrado em alguns documentos, significava tambem o macho asneiro, donde derivava o *mulateiro*, aplicado ao condutor dos mulos ou mulatos, que na Madeira, no século XVI recebia, por ano, 6000 rs. e de comer, pago em soldada de almocreve.

Na linguagem popular, resumidos ficaram para os sexos, o *macho* e a *mula* e no conjunto,—os *muares*.

No entanto, as formas e qualidades de origem se destrinçam, predominando as maternas. Os filhos da jumenta teem a cabeça mais grossa, orelhas mais compridas e a cauda quasi desnudada.

O gado muar é resistente á fadiga, sóbrio, suporta pesadas

cargas, e não se arreceia dos abismos, caminhando á beira dêles, pela pestana da rocha, sendo muito util para os transportes na região montanhosa.

Todo o material de construção levado ás altitudes, servidas apenas por atalhos e veredas, foi labor na Madeira, exigido ao resignado luar.

Só ha poucos anos, é que se começou na Madeira, a utilizar subsidiariamente nas armassas, a *areia de furna*, cinza vulcâni-



Muares em descanso

ca negra, das bêtas dos tufos ou produzida pela trituração de brandos conglomerados de côr arroxeadá, pois anteriormente vinha toda a areia sendo buscada ao ourêlo da maré, pelo litoral, além.

Depois duma levadia forte, em rouco marulhar troante, as praias sublevam-se, desde o recorte em baixa-mar, por pequenas abras de roliços seixos, ao amontoado acima de pedregulho

arrojado com ânsia em farto camalhão, com dispersões, a contrapôr-se ao tempo.

Por entre calhaus arrumados, esconde-se a areia, deslizando vergonhosa a procurar abrigo no lastro pedregoso, escassamente á-flôr, aconchegando-se em cavas, em bolsos, por interstícios de assento, a fugir ao arrasto que alambe, á pressa, de nôvo, recolhida ao mar.

Na vasante, é a faina molhada de procurar a areia, revolver os seixos, buscá-la ao seu ninho, entre calhaus, padejada, conduzida para montículos a sêco, cónicos, aonde as ondas se não afoitem, para ser cirandada, limpa do cascalho grôso e medida, por vezes, no local, na unidade moio que se subdivide em fangas.

A igual faina se procede, depois das invernias, pelo leito das ribeiras, quando o veio abranda, se retorce, e as margens enxutas seduzem a procura dos cotovelos da areia. Esta porém, mais fraca, carece de enxaguagem que a liberte da lama.

Veem os muares ao carrêto, de albarda de saca e bolsões mamudos, a areia em lastro, aconchegada em contrapêso lateral de balanceio.

Afadigados, ligados á corda, de focinho a focinho, pisam firmes, sobem de caminhada, aos lacêtes, para diminuir o aclave, e num saracoteio derramam as excedências acuguladas da carga.

Dados á milícia, entraram na ordenança, na mobilidade do parque, e no tempo do Real Trem da Madeira, amistavam parelhas de escolhida marca, na consonância do serviço, recolhidas na Fortaleza Velha.

Aos quarteis de artilharia e mesmo de infantaria, coube sempre os muares que as organizações lhes distribuíam, vindos de Portugal.

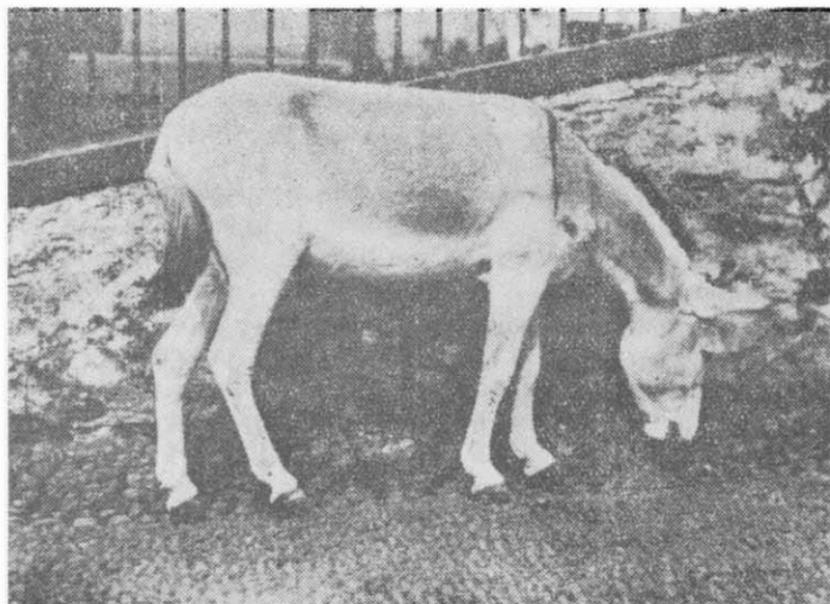
Tendo cessado a indústria da produção local, particulares preferem buscá-los a Espanha e ás Canarias, para a condução a dorso e atrelagem. A Companhia dos Carris explorou durante algum tempo, uma linha do Largo da Restauração á Estação do Pombal, em carro americano, puxado a mulas, facilitando o transporte, na ida ou volta á cidade, dos passageiros que se utilizassem do Caminho de Ferro do Monte.

O número de muares, entre as duas ultimas estatísticas, aumentou de 80 °I., passando de 77 para 135, apesar da proibi-

ção de serem aplicados aos carros típicos de condução pessoal, em que se pretendeu substituí-los aos bois.

Gado asinino

O burro *Equus asinus* L. é da mesma família e género, porém, espécie diferente do cavalo.



Burrinho do Porto Santo

As suas formas apresentam menos elegância, cabeça e orelhas grandes, membros grossos, apenas com *castanhas* ou calosidades nos anteriores, os cascos mais altos e estreitos, garupa curta, pelagem acinzentada, descaindo para o branco-sujo, no ventre, correndo-lhe ao fio do lombo uma tira escura, por vezes, cruzando-se com outra no pescôço, um círculo esbranquiçado

orlando os olhos, minguada crineira, e a cauda vestida só na ponta.

O burro doméstico, inteligente e manhoso, é bem antigo, pois vem citado na História Sagrada, quando os judeus acamparam na terra de Moab, e o rei dêsse país enviã o mago Balaão para os amaldiçoar, ao que se lhe antepõe no caminho um anjo, para que retroceda. Balaão castiga a burra para que avance, mas esta desprende a lingua, para articular uma queixa sobre o procedimento injusto, havido com ela.

Em relatos biblicos, figura um jumento no estábulo de Nazaré, quando do nascimento de Jesus (*); um burrinho toma S. José para pôr a salvo Nossa Senhora e o Menino, em fuga para o Egito; duma jumenta se serve o Nazareno para a sua entrada triunfal em Jerusalem.

A raça asinina africana é dolococéfala, quere dizer, tem a cabeça grande, pelagem pardacenta, arruivada, ao-passo-que a europeia é braquicéfala, de menor cabeça, e o pêlo em tom de cinza, mais ou menos carregado.

Na Península Hispânica, apuraram-se variedades de aprêço, como a *andaluza*, robusta e bem proporcionada; em Portugal, dadas as relações marroquinas, multiplicaram-se os cruzamentos, vindo já para as Ilhas um tipo degenerado, que mais se amesquinhou em restricta localização.

De talhe pequeno, e inferior quilate, a criação resumiu-se aos concelhos do Funchal, Câmara de Lobos, onde existe ainda, na toponímia local, a Fajã dos Asnos, e no Porto Santo.

Nesta pequena ilha, diz Tierno, no seu relatório «o jumento ajuda a lavrança das terras, dá cavalaria, puxa os carros mais leves, conduz adubos para os campos, trigo para os moinhos de vento, e nas vindimas leva para os lagares os grandes cestões de uvas; é, em suma, um auxiliar do portosantense, pobre e isolado num mesquinho pedaço de território».

Tornada a ilha do Porto Santo, uma freqüentada estância de verão, vem ultimamente o burrinho se nobilitando com arreios melhores que os de linhagem e corda, manta dobrada ou coxim ao dorso, a servir de sela, mercê das excursões em burricada, á

(*) O escritor espanhol F. Muriarte que desenvolveu a «Ciencia Cristiana», no T. XII apresenta *el buey y el asno, testigos del nacimiento de Nuestro Señor*.

maneira de Cacilhas, um atractivo para os visitantes, e um ensaio de cavalgar para as crianças que se enlevam num pequeno passeio, amparadas a passo mansinho.

Na Madeira, tem sido tambem adaptado o burrinho para a condução infantil, suportando uma ou duas pequenas cadeiras de vimes com um travessão de resguardo.

O antigo burro do cisco, tão característico, que fazia a limpeza da cidade, já desapareceu. (*)



Burrinhos do cisco e seu condutor

De albarda entrapada a aimofadar o grosseiro ceirão que lhe tomba aos lados em sacolas bicudas, descalço e penitente, com arreios de pano rude, o pêlo crescido, apingentando de imundície, vestindo calcinhas no verão, para ocultar os joelhos das ferroadas das moscas, caminha o burrinho de porta em porta, á procura do rebutalhos e mais refugio com que pejar a

(*) Descrevemo-lo no «Diário do Comercio» n.º 2001 de 1903.

golpelha, que, quando é o lixo estrumado, escorre, pelas têtas do ceirão, corrupto licor denegrado.

Acompanha-o um guia varredor, quasi sempre defeituoso, e dê graças a Deus, por não viver nos tempos brilhantes de Sparta, onde seria imolado ás leis impiedosas de Licurgo, afim de não ser adulterada a estética duma raça.

Armado de um aro de ferro gancheado na ponta, para esgaravatar os monturos, traz uma vassoura esquelética de urze para agrupar a varredura aos montinhos, sobre um pedaço de táboa ou esteirado, afim de mais facilmente os vasar na carga.

Entrava nos quintais, batia nas moradias, a gritar pelo—cisco...

O tipo do cisqueiro com seu burro passou á historia, quando o Município estabeleceu as brigadas da vassoura, *escrivães de pena grande*, fazendo o serviço a horas mortas em que os micróbios, talvez *adormecidos*, não dessem pela mudança de residência.

No sitio da Pena, moravam os burrinhos, na maior parte, que ao caír da tarde recolhiam abelhudos, ao cortiço das cisqueiras, quanta porcaria recolhiam no seu labutar diário.

Era a empresa do adubo, levado depois aos terrenos magros, em tableiros pedregosos que se transformavam em enregeirados verdes, a brotar a hortaliça.

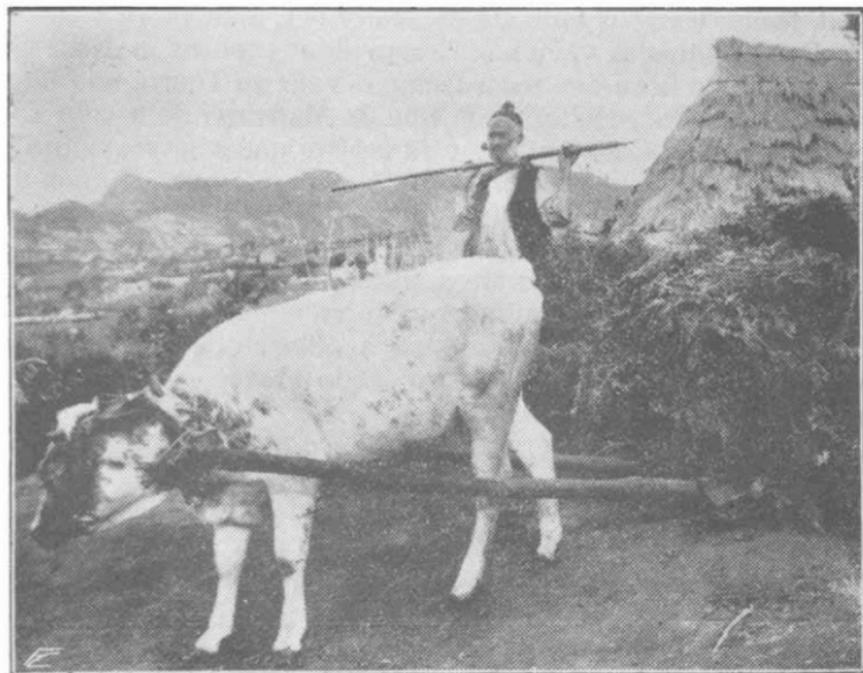
A Higiene despediu o burrinho do cisco, mas ainda os ha noutros misteres, pois as estatísticas officiais informam que passaram de 51 para 133, existentes no último dia de 1934.



Gado Bovino

A família dos Bovídeos abrange os animais ruminantes da sub-ordem dos Artiodátilos, isto é, aqueles que apresentam um número par de dedos, sintetizados no casco fendido.

O estômago dos ruminantes apresenta quatro peças separadas. A comida passando da *pansa* ao *barrete*, volta-lhes á bôca



Transporte de mato, na serra

para ser remastigada, por um movimento lateral das maxilas, e reduzida a pasta segue para os outros dois compartimentos que tem o nome de *folhoso* e *coagulador*.

Estão neste caso, o boi, o carneiro, e a cabra, apartados, porém, em generos diferentes—*Bos*; *Ovís*; *Capra*.

Bos taurus L., é como uma fórmula para os Bovídeos.

O nome de touro era aplicado antigamente, apenas ao animal reprodutor desta raça, reservando-se o de boi, para o castrado, sujeito assim, melhor ao trabalho.

Os touros e garraios serviam nos divertimentos públicos das touradas e ferras, organizadas por ocasião das grandes solenidades.

O gado bovino, chamado também vaccum, teve sempre uma multiplicidade de funções, buscado o rendimento ao trabalho, e ainda ás económicas, do consumo e produtos industriais.

A Algarve deu-nos a sua raça aligeirada, e do norte de Portugal, foram trazidos animais de maior corpulência.

Das Conquistas visinhas vieram alguns touros, e dêsse tipo mais possante ficou em recordação, o Vale do Touro, na ilha do Porto Santo. Na «Historia da Ilha da Madeira» do século XVI, pelo Dr. Manuel Constantino, está escrito que o povoamento no norte desta ilha foi constituído principalmente por camponeses e pastores, vaqueiros que se estabeleceram nesta região, vigiando o gado manadio. A Achada das Vacas tomou o nome designativo da sua abundância, e outros sítios parecem indicar apenas o seu colorido, como—a Malhada, a Morena, os Morenos, etc.

Um pascigo farto existiu entre o Ribeiro Sêco e a praia do Gorgulho, com um cercado para o gado grosso, que se chamava—a coutada de João da Grã.

Noutras demarcações baldias era confinado o gado de pertença senhoril.

De pelagem, em variagadas marcas, ficou célebre na tradição popular, o *Boi bragado*, que acasionou muitas mortes, contada a sua história, no “Romanceiro do Arquipélago da Madeira”:

Era um rico senhor
de mui nobre fidalguia

.....
Uma quinta elle tinha
sua coitada baldia

.....
Um boi bragado havia
que fizera septe mortes
que, de bravo, nem dormia

O touro «grande e bravo», evolucionou, amadornado pelo clima, sob as influências locais, produzindo o tipo insular ou terrantez.

Com poucos cruzamentos, os bovídeos da Ilha do Porto Santo sofreram apenas as modificações do meio e por vezes escassês do pasto, aproximando-se um tanto do tipo de origem, constituindo uma *sub-raça arruivada*, de olhais claros, corpulência e chifres medianos, lançados quasi na horisontal, com pouca curvatura, cachaço curto, cauda comprida, membros apumados, fortes, e cascos muito resistentes.



Carro de bots no Porto Santo

As rezes do Porto Santo trazidas ao Funchal são na maior parte empregadas para os transportes de arrasto.

No gado madeirense, menos uniformado, destaca-se um grupo, em especial nas freguesias de oeste, de menor estatura e pelagem clara, chamado assim, *maneiro* ou *alvação*, podendo ser considerado com uma sub-raça local, segundo Tierno, que lhe notou, entre outros, os seguintes característicos:

...corpulencia menos que meã, nuca alta, arqueada, de marrafa bastante espessa; chifres pequenos, delgados, muito aber-

tos, esbranquiçados, despegando-se horizontalmente, dobrando-se para traz e para cima e encurvando-se um pouco para baixo nos extremos; orelhas largas e felpudas no interior, fronte convexa; olhos pequenos com olhais brancos; pescôço breve; espinhaço enyelado; cauda curta bem formada; membros curtos, delgados; bem apumados nas fêmeas, um tanto canejos nos machos; pelagem branco-creme...(*)

Entre estas duas sub-raças deram-se cruzamentos e ainda melhoria de sangue pelos bovídeos importados, maiormente por estrangeiros residentes, um dos quais, Mr. Gerald, em 1803, estabeleceu na sua quinta da Achada, nos subúrbios do Funchal, um posto reprodutor e de criação, tomando conta de vacas a *meias, ao costume desta ilha.*

Embora não tenham sido só da Inglaterra importadas algumas rezes de melhor casta, temperando o benefício pelo cruzamento, tornado manifesto nas primeiras gerações, a êsse tipo indeciso, malhado, que se differencia pelo talhe intermédio, chifres curtos e arrebitados nos extremos, orelhas baixas e focinho grosso, formando, aliás, um conjunto mestiço, chama-lhe o nosso camponês—a raça inglesa. (**)

Exigindo-se trabalho, foram adoptados os animais á canga e nos primitivos deslocamentos de carga, ligada aos troncos desbravados das matas, trazido o material para as *serras de agua*, onde se fabricavam as táboas que eram uma unidade de valor. (***)

Do atrito sobre o solo, pronunciou-se um desgate, aflorando o cerne ou parte mais dura do tronco, alizado no correr da fibra, e por esta indicação foi applicada uma táboa grossa e rija para soleira, que da palavra *curso* ou movimento apressado, deu a *côrsa*, aparelho rudimentar, tão vulgarizado nos transportes da diferente carga, o qual sendo revestido dum estrado para augmentar a base de suporte, recebeu o nome de *corsão*.

(*) Boletim da Direcção Geral de Agricultura n.º 11—1897.

(**) Este hábito popular nascido no século passado, depois da occupação britânica, estende-se até a plantas introduzidas de várias regiões que recebem o nome da que se lhe assemelha, com o qualificativo de *inglesa*.

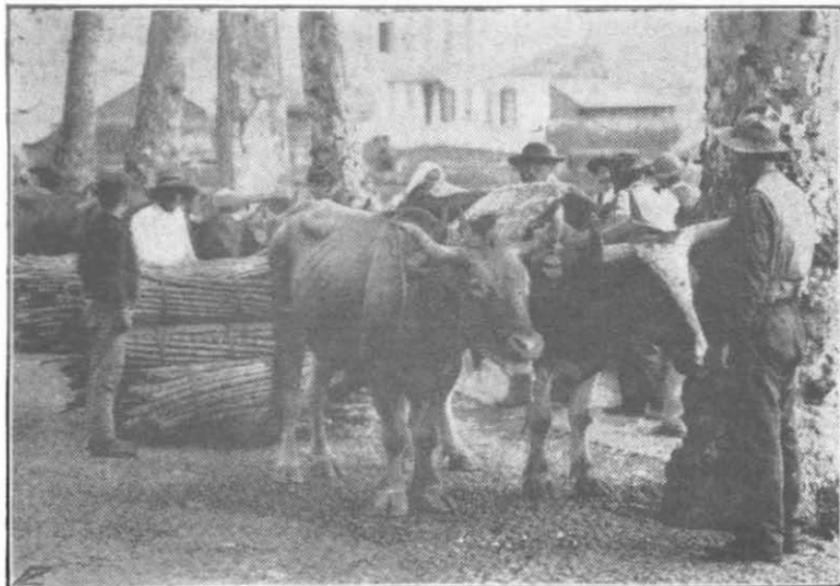
(***) Nas Cartas de doação vem a equivalência de «hum marco de prata em cada hum anno... ou duas tabuas cada semana das que costumarem serrar nas serras...»

Nas *carradas* de ramagem, trazidas da serra, deixam-lhes na parte interior, alguns ramos de arrasto—*a rabadá*, ingénua travão reforçado pelo pessoal que, por vezes, sobre ele assenta, entre um rodemoínho da poeira que varre.

Depois da *cadeirinha* e do palaquim, foi inventado o carro-de-bois, com soleiras de arrasto, toldo e cortinas, para a protecção do pessoal, e que é um meio de condução, embora moroso, mas bastante apreciado pelos estrangeiros.

Os bois teem o casco duro, não são calçados, e com pequena carga podem executar o trote e o galope excepcionalmente.

O tipo do carro alentejano, rodado, ainda se encontra no Porto Santo, Ponta do Pargo, etc.



Uma parelha de raça cruzada e terrantez conduzindo uma corsa com canas de açúcar

Serviam os bois para acionar os antigos engenhos da espremeção da cana sacarina e ainda são utilizados nas eiras, na debulha dos cereais cu no esburgamento de algumas leguminosas (lentilha e chícharo) no Porto Santo,

Para as necessidades de consumo, eram abatidos os machos, em preferência.

Em 1466, estava já arrendado o açougue do Concelho, e o arrematante, ao que parece, servia melhor certos fidalgos, pelo que os misteres se queixam ao duque, da grande quantidade de ossos que prefaziam o pêso do arratel.

Primeiramente era servido o *capitam e logo depo's o cabido* mas este conseguiu, em 1516, ter açougue privativo na *cerqua* da Sé e as comunidades religiosas, o seu marchante, sem pagarem imposto.

Mais tarde, o consul da Grã-Bretanha podia mandar matar duas rezes por semana. Era um privilégio da feitoria.

O general Beresford, comandante das forças de ocupação do arquipélago, em 1808, fez uma proclamação sobre a livre venda de gado, em nome de Jorge III, rei de Inglaterra.

Um tributo era chamado *imposysam das carnes*, destinado ao enobrecimento da povoação, para fazer face a melhoramentos.

Depois da vila do Funchal ser elevada a cidade (1508), foi esta contribuição aplicada *pera obra do balluarte & fortaleza (S. Lourenço) até se de todo acabar*.

O cortume dos couros necessários para as indústrias de sapateiro, corrieiro e albardeiro, efectuava-se em covas batidas em terra barrenta, chamadas *póços de curtir*, cheios de água tanínosa, para o que se empregava o sumagre, a casca de aderno ou de faia, adicionada de cal, imersa a courama, premida com pedras, durante um longo espaço de tempo. Um certo cheiro acre e nauseabundo indicava que o pêlo estava tenro para ser raspado á podôa. Feito isto, voltava a novo banho onde predominavam os farelos, e então era exposto ao sol, para secar e enrijecer.

Certos couros, porém, dos mais luzídios, tinham outro preparo, esticados numa armação de varas, na parte interna, tratada com greda, sal e sucos de plantas, para segurança do pêlo que ornamentava a cobertura dos baús, com pregaria de latão.

O corno do boi, diz Buffon, «foi o primeiro vaso por onde se bebeu, o primeiro instrumento em que se assoprou para aumentar o som, a primeira materia transparente que teve uso em

lugar de vidraças e lanternas; a primeira, que foi amolecida, trabalhada para fazer caixas, pentes e mil outras obras».

Na Madeira, é utilizado também, a tiracólo, nas romarias, como receptáculo rolhado para vinho; convenientemente serrado, forma um copo com fundo de madeira, e ainda usado como punho, ponteira, etc.

A superstição popular atribui ao chavelho, o impedimento de malefícios, e assim encontramos-lo nalguns barcos de pesca, etc.

O fabrico da manteiga começou por ser uma industria caseira, rudimentar, de pouco rendimento, porque as vacas nos campos serviam também como auxiliares nos trabalhos agrícolas.

No entanto o leite diário de sobra das crias, era desnatado em alguidares vidrados, vascolejado e revolvido com uma colher de pau, uma ou duas vezes por semana. O creme premido, para sacudir o resto do sôro, batido entre duas pás de madeira, com adicionamento de um pouco de sal fino, estava pronto para o consumo.

A exploração deste lacticínio tinha intermediariamente as *mulheres da manteiga* que a traziam á cidade, numa cêsta de vimes forrada com uma toalha de linho, em porções do pêso de libra e meia libra.

Começou assim a competencia com a manteiga inglesa, importada, aperfeiçoando-se o produto, que foi obtendo maior aceitação, sendo colocado no mercado de Lisboa, onde se acreditou pelo seu magnifico paladar e aroma.

Em 1895, foi fundada na freguesia de St.º Antonio da Serra, uma fábrica, com a aparelhagem necessária para o alargamento da industria dos lacticínios, criando diferentes postos nas circunvizinhanças, com centrifugas para a pronta desnatação.

O exemplo foi seguido e o colono cuidou com mais atenção das suas vacas.

Vários proprietários abalançaram-se á introdução de novas castas aconselhadas para rendimento na secreção lactea, melhorando as condições de estabulação; adoptado o regime mixto do curral e pastagem, reconheceu-se que a permanência do litoral á meia encosta era a mais favoravel.

O fabrico de queijos é também bastante antigo, trazidos ao

consumo em «cestos grandes de vimes . . cheyos de leite es-
corrido, queijos...» (*) provavelmente frescais, do tipo *salio*. A
Santa Casa da Misericórdia do Funchal usufruia, pelo menos no
século XVIII, o dizimo dessa renda.

Recentemente cuidou-se no desenvolvimento deste lactici-
nio, aparecendo no mercado produtos de bôa confecção e agrado.

O recenseamento do gado bovino, em 1894, apurou 28.417
cabeças e de 1935, apenas 22.874.

«O gado manadio que perfaz 17 por cento do total dos bo-
videos, é todo de raça terranteza, pois que os animais de raça
atravessada, não resistem á vida errante pelas serras, mórm-
te no inverno; ficam estabulados em permanencia, e só nos li-
mites das zonas habitadas, acima de 500 a 600 metros de alti-
tude, os sujeitam por necessidade ao regimen mixto de pasto e
estabulação. O numero de crias está para a totalidade das vacas
como 1:3, e para o numero das vacas de criação e leite 1:2,25 (**)

Na sabedoria do povo—manifestada nos seus ditados e sen-
tenças,—muitas vezes eivada de superstição, anda uma quadra
de sabor erudito na forma que assim se expressa:

*A vaquinha que nacer
na manhã de S. João,
é sabido, deve ter
a varinha de condão.*

A tradição popular herdou da poesia medieval as ideias
sentimentais envolvidas no misterioso dos vultos legendarios;
das princesas encantadas; de animais falantes; de forças ocultas
em objectos materiais; da ingenuidade da vida, a que as fadas
imprimiam destino.

No «Romanceiro do Archipelago da Madeira» pacientemen-
to coligido pelo Dr. Azevedo, lá vem no conto da *Gata Borra-
lheira*, a sentida queixa:

*Vaquinha, minha vaquinha
meu amor, minh'alegria
Querem, querem qu'eu te leve
e meu pai te mataria.*

(*) Saudades da Terra—L.º 2 Cap. XI.

(**) Tierno—cit.

A que o animal responde:

*“Da sina com que naceu
ninguem nunca fugiria.*

.....

*Que la minha má fortuna
a bem teu se voltaria.
Vae laval-las minhas tripas
Na ribeira corredia,
Das tripas ha de saír
Vara d’oiro luzidia:
Uma varinha de condão
Como ninguem la teria.*

.....

A narrativa fabulosa traz em reforço:

*Tudo que lá vacca disse,
Como disse, acontecia.*

.....

Neste fragmento poetico funde-se a investigação dum fenómeno que preocupou os enciclopedistas do seculo XVIII, época em que a farmacopeia atribuiu ainda virtudes maravilhosas a certos seixos, pêlos e excrementos de animais, etc.

Em tempos passados, aparentemente obscuros, fermentavam já os vestigios embrionários da evolução que, depurada, trouxe alguns elementos apreciaveis ao estudo das ciências modernas.

Do Oriente vêm o conhecimento e aplicação da pedra de bezoar que não é mais que uma espécie de cálculo formado no estômago, especialmente dos ruminantes.

A essa concreção, poucas vezes encontrada, foram atribuídas eficácia e faculdades estranhas, trazendo fortuna e tornando ileso o seu possuidor contra a peste e doenças contagiosas, e ainda na aplicação a outrém, sobre as feridas, mordeduras de serpentes, etc., motivo que, pelo seu artificio, chegou a adquirir um alto preço e estima.

No dominio da bruxaria a pedra de bezoar foi imitada, para amulêto e ornamento, preparada com argila, âmbar, resinas, a que palhetas de ouro intrometidas, vinham dar um maior brilho

e realce. O formal esferoidal modificado passou á varinha de condão, da magia e dos prodigios.

A' face da ciência, esses no-êlos, mais ou menos rígidos do estômago de certos quadrúpedes, foram formados em parte pela saliva carregada de pelagem rapada pela lingua quando o animal se lambe, e que, não podendo ser digerida, se emaçarocou,—tambem, motivadas das fibras vegetais, deficientemente mastigadas, que se entrecruzaram, empastando num bôlo, a que as seivas resinosas deram consistência; e ainda das duas causas conjugadas.

No gado vacuum, essas concreções tomam geralmente a forma mais ou menos esferica, de côr escura, aparentemente lisas, encapadas concentricamente ao redor do seu nucleo inicial. Teem um odor suave de plantas aromaticas e lembram um sabonete, porém se não dissolvem na água.

Na sua constituição química, encontra-se o ácido elágico, antigamente chamado bezoárdico, proveniente da decomposição do tanino, abundante em certas plantas, como o sumagre, fôlhas e casca de faia, dó carvalho, etc.

As virtudes misteriosas do novêlo das feiticeiras remontam provavelmente, á descoberta da pedra de bezoar, com o seu nó-dulo de fibras, que, em alguns casos, pelo córte da concreção se podem desenroscar e distender, formando assim a varinha de condão.

No cofre das tradições pagãs do nosso povo, impregnadas duma certa religiosidade, a varinha de condão só poderá ser encontrada em

a vaquinha que *nacer*
na manhã de S. João



Gado ovino

O gado lanífero ou ovino, *Ovis aries* L., de proveniência continental *galêgo* e *bordaleiro* deu origem á grei insular dos primeiros tempos serranos, sofrendo a adaptação ao novo meio, diminuindo de estatura, cabeça calva, membros fortes e deslanados, as orelhas grandes.

Pelo final do século XVIII, quando se desenvolveu a teoria da selecção e que Bakewell obteve na Gran-Bretanha os mais lisonjeiros resultados, conseguindo formar variedades com predomínio de certos característicos, o capitão-general da Madeira, D. José Manuel da Camara, interessou-se pela novidade do aperfeiçoamento dos laníferos e conseguiu importar do condado de Leicester, a nova raça *Dishley*, no que foi secundado por alguns abastados proprietários, e havendo comunicado a resolução ao Príncipe Regente, este aprovou a introdução do *gado ovelhum de lã comprida*.

O refrêscó, porém, foi mingüado, e a sub-raça local pouco se ressentiu do proveito no regime serrano, apagados breve os vestígios de cruzamento. Na meia estabulação de confinadas herdades, como as do Conde de Carvalhal, algumas gerações marcaram porém, no apartamento.

Os merinos do Infanlado, procedentes de Espanha, robustos, armados os machos com chifres grossos, espiralados, a lã cobrindo parte da frente e das patas, curta e fina, em abundantes mechãs no colo — mereceram um cuidado especial. A esta raça se refere um relatório, (1822) do inspector da agricultura na Madeira, José Maria da Fonseca, fazendo salientar, como tão *felizmente o gado merino estava naturalizado no Palheiro Ferreiro e que este exemplo devia ser seguido em Portugal*.

Alguns exemplares da raça *southdown* entraram nos rebanhos da serra do Poiso, no comêço do século passado, no intuito de engorda e para o talho. A cabeça é pequena, sem cornos, pardacenta escura, orelhas curtas e descaídas. O corpo coberto de lã branca e curta.

A sub-raça local com novas influencias não tem um caracteristico marcante, predominando o gado m^ocho de velo branco.

A lã preta anda por um quinto da grei segundo as ultimas estatisticas. Umas e outras são utilizadas na confecção de tecidos para a vestimenta dos camponeses.

Um relatório de 1861, sobre as lãs do Distrito do Funchal dá a produção annual de 39.373 quilos de lã branca e 7.352 de lã preta com as seguintes interessantes observações:

«A maior parte das lãs produzidas em todo o districto é constituída por lãs crespas das raças do paiz, e proprias para os trabalhos da carda; apparecendo já tambem grandes quantidades de excellentes lãs das raças south-down, anglo-merino, dishley e de algumas raças inglezas introduzidas no paiz, e ainda algumas lãs de legitimos merinos, e outros resultantes das raças inglezas e dos merinos cruzados com as raças do paiz, sendo algumas destas lãs de excellentes qualidades, principalmente para os trabalhos do pente.

Os tecidos que se fabricam em todo o districto são tecidos mixtos de linho e lã, e a quantidade annual produzida é de 20.764 metros proxicamente, entrando neste cálculo um grande numero de tecidos feitos por tecedeiros particulares, que assim são chamados em alguns concelhos do districto, mas que vendem tambem uma grande parte dos tecidos que fabricam.

As denominações que dão a cada uma das três qualidades de tecidos mixtos que se vendem no distrito, são as seguintes:

MARAFUZ, que tem o urdume de linho e lã, e que se vende por 365 reis, o metro.

SERGUILHA que tem o urdume de linho e lã de differentes côres e que se vende a 275 reis, o metro.

CARDADA que tem o urdume de linho e lã, e baeta de côres, e que se vende a 275 reis o metro.

A industria de tecidos mixtos de linho e lã é no districto, uma industria caseira pouco importante pela qualidade ou imperfeição dos tecidos; porém muito importante por outro lado, pois que é por meio d'ella que se vestem os camponezes de todos os concelhos.

Não há piões de lã em todo o districto. Os processos que

seguem são grosseiros e simples: a lã é lavada, batida ou sacudida e premida, cardada e fiada.

E' incerta a exportação annual, apenas se têm exportado em um ou outro anno, alguma e pequena quantidade de lã de melhor qualidade».

As lãs são tambem empregadas para acolchoamento e almofadagem, e as peles muito usadas no campo, sob o lençol, no berço das crianças.



Carnetro de raça «romsey» recentemente introduzido no rebanho do Palheiro Ferreiro

Com o fio grôso de diferentes pernaadas, se fabricam diversos tipos de barretes de lã, em ponto de meia ou de laçada, usados pelos nossos camponeses.

O mais pequenino é do concelho de Santana, colocado no cocoruto da cabeça. Os do concelho da Calheta teem uma pequena borla pendente. Barretes de orelhas sustidas, que se podem abater para preservar do frio, pertencem á indumentária da gente serrana e ao traje do levadeiro que vigia as águas de noite.

Em sitio escolhido na serra, no reclinado dos montes, limpo da reboleira do mato, ou na rechã alta das abas confluentes, é aprazado, no correr de Junho, o dia da tosquia para o gado lanígero das circunvizinhanças, ajustados os pastores, em trazê-lo a reunir.

No local preparado, construíram de pedra solta, vedações acurraladas, em sequencia de menores divisões, com abertura receptível, para o gado a apartar, depois, conforme a pertença.

Manbãsinha, mal clareiam os cabêços dos montes, vão os rebanhos ser buscados pelos criadores, munidos de con pridos varapau, calcurreando montados e fragueados, em batida disposta em colchete para a enxota, auxiliados pelos cães que sacodem dentre as urzes e uveiras, os grupos lanzudos, assustadiços, surpresos da gritaria e latidos, na condução forçada aos *arrumadouros* ou clareiras da primeira concentração da encosta.

Veem dar ali, outros, com seus contingentes, ajuntando-se os rebanhos numa irregular coluna, avolumada de fracções, ladeadas pelos condutores que olham pelo tresmalhe, pertencendo á matilha, acudir de pronto á repressão.

Sopeado o bando, entre apupos de caminhada, move-se extenso, compacto ondulante, marcando na vertente o desenho duma monstruosa cobra de lã, que se estorce subjugada, a sair do mato.

A chegada aos *terreiros*, ou redís improvisados, é tumultuosa no recuamento de esbarre, não aceitando facilmente o gado, um confinamento tacanho, fustigado, porém, a reprimir-se na cêrca amurada que fica repleta em pouco tempo, num lago de cabeças balantes, a reagir.



A mansidão dum cordeirinho preto

E' feita a escólha pelos sinais das orelhas, recortes e furos que cada criador adoptou para o seu gado, e assim distingue o que lhe pertence e as novas crias que instinctivamente veem juntar-se á parentela, recebendo agora a marcação da familia, o que se chama *assinár o gado*. Repartidos os grupos pelos cercados de apartamento, alguns improvisadamente em sebe de esgalhos e estacada de varas, começa a tosquia do velo, trazidos para fóra, isoladamente, os animais, cada qual confiado ao seu tosquiador.

Este, deita a ovelha, ou carneiro, de costas, amarrando-lhe



A tosquia dum carneiro

as patas dianteiras para minorar o estrebuchamento, e acomodado o animal á posição forçada, vem uma tesoura, sem eixo, formada duma mola em **U** com as pontas afiadas em faca, que premidas se ajustam no corte, rente á pele—descamizar um rôlo de lã, que tomba e se retorçe enovelado em monte.

Morde a tal tesoura, em mão inexperiente, por vezes a carne num beliscão sangrento, sacudindo-se, brusco, o paciente dolorido, mas uma pitada de terra abafa de pronto a ferida que estanca a cicatrizar.

As tosquiias nos diferentes concelhos constituem um divertimento local, bastante corcorrido, como que arraial de comes e bebes e feira de lã ajustada em bruto.

Acarídeos sobressaltados trepam-á-flôr da lã; são os *carra-patos* já ressentidos da falta de calor e conchêgo.

Empilham-se os velos emaranhados, e o seu pêso dá, em média, 650 gramas por cabeça, havendo no entanto ovelhum que excede o dôbro do despôjo.

Na lavagem, a quebra monta a 50%, liberta das impurezas, carmeadas dos nós pelo carduço que a penteia.

O conjunto da grei ovina anda por 18.000, mais representadas as fêmeas, pois as crias masculinas são as preferidas para consumo.

Uma freguesia tomou o nome de Fajã da Ovelha, povoação inicial de pastores, na vida singela de olharem pelos seus rebanhos.

Vai longe o tempo em que judeus e mouros na Madeira, festejavam o *grande dia* com a imolação dum cordeiro, recordando o sacrificio de Abraão tomando um anho na selva, depois de mandado poupar a Isaac.

St.º Ambrósio, algures, explica que o Verbo Divino é o Cordeiro de Deus oferecido á Redenção.

Uzança nas festividades locais do Espirito Santo e seu império ou bôdo aos pobres, é a travessa do cordeirinho em dôce de fios de ovos, trespassado por uma haste com bandeirinha vermelha, custosa confeitaria que não é servida na copa, mas rifada, para com seu produto reforçar o fundo da beneficência.

A carne de carneiro da Ilha do Porto Santo é de muito superior qualidade á da Madeira, sem o pronunciado sabor a bedum.

Lowe (*) atribuiu esta particularidade, aos caracois que abundam no caule das plantas e que são mascados juntamente com as hervagens e palhas, mas julgamos mais racional procurar a explicação, nas espécies botânicas de que se nutre, impregnadas do ar salino e aderência de poeiras calcáreas da região.

(*) R. T. Lowe—Primitae et Novitae Maderae et Portus Sancti—London 1851.

Gado caprino

O género *Capra* abrange os ruminantes ageis que se adaptam aos terrenos acidentados e montuosos, podendo confinar-se a um pasto magro, mas ávidos de melhoria, são daninhos em se apropriar dos rebentos novos, destruindo e desnudando a vegetação da serra.

Os caprídeos algarvios foram lançados nas serras da Madeira, e distribuídos também pelo Porto Santo, ilhas Desertas e Selvagens.

O Ilheu dos Dragoeiros, que actualmente tem o nome de Ilheu de Cima, criava bastantes cabras (*) onde, pela escassês do pasto, já ali se não encontram, assim como aconteceu nas Selvagens.

O gado caprino, *Capra hircus*, L., apresenta a armadura de secção elíptica, um tanto achatada, derrubando logo do frontal que se apresenta convexo, engrossando a unir-se na raiz, crescendo em espira arregoada com fraca torsão, as nodosidades pouco salientes, aguçado para as pontas. Um molho farto de pêlos pende-lhe do queixo; no entanto, existem algumas raças môchas e não barbudas.

Das Ilhas Afortunadas, já em cruzamento euro-africano, veio a *cabra canária*, de estatura meã, focinho grosso e deprimido, os chifres em longa espiral, arqueados para traz, orelhas pendentes, abundante barba, pêlo farto no costado, penteando na garupa.

Nas rochas alcantiladas das Desertas, atrofiou-se breve, o tipo caprino inicial, encontrando-se arquivada uma permissão do senado da vila do Funchal, exarada na acta das vereações de 28 de Julho de 1481, para que *se comprasse gado q, veiu da canária p.^a cobrir cabras bravas q. vinham da deserta.*

(*) Saudades da Terra—L.^o 2.^o cap. IX.

O phenomeno de nanismo é uma influéncia insular, tanto mais acentuado, quanto mais pequena fôr a ilha, contribuindo bastante, tambem, o acidentado do terreno e a escassa vegetação.

O pasto nas Ilhas Desertas depende das chuvas, e em certos anos é tão exíguo, que as cabras passam fome, reduzidas a esmoer nos caules sêcos, focinhar os líquenes, e mitigar a sêde na lama das *marêtas* ou pequenas escavações, ali feitas, para reter a agua das chuvas.

As barrilhas, plantas com que antigamente se procedia ao fabrico da soda, servem de um grande beneficio na estiagem, pois conservam por muito tempo nos seus reservatórios globulosos, a seiva elaborada.

Nos penhascos alcantilados, onde o gado caprino se mantém, estas pequenas rêzes, tomaram a côr das rochas, num pelame negro pardacento, fortificaram os músculos no exercicio contínuo do salto, encurtaram as pernas, aonde aparecem calos nas articulações, roçadas nas fráguas e pelas quedas; a garupa descaiu pelo trepar dos aclives, as hastes aproximaram-se para evitar embaraços nos barrancos, e no macho a armação se arrebita, recurvando fortemente; o pêlo, impregnado da salinidade do ar, é quasi cerdoso, e a barba, sob o mento, bastante enrespada.

Uma caçada aos caprîdeos nas Desertas, aguça-se em palpitantes emoções, pelas dificuldades que oferece, á beira de escancarados precipícios, organizada uma batida para obrigar os animais a encaminhar-se em apertados desfilhadeiros, onde o caçador abrigado numa reinterância da rocha, em escasso degrau resvaladio, tem que alvejar a caça furtiva que, ferida de morte, se despenha aos tombos pelas quebradas, a chapar-se num baque, cujo éco se repercute pelas encostas.

O tipo terrantez selvático participa dos caracteristicos de origem mixta, euro-africana.

Nos arraiais campestres, com feira de mantimentos, que se realizavam por ocasião das festividades religiosas, diz Frutuoso que a de N.^a S.^a do Faial era uma das mais concorridas, com três dias de folgares, comendo-se muita vianda de *chibarro*, a qual he huma estremada carne e gostosa naquella ilha; ainda que em outias terras e ilhas seja a peor de todas.

Nessas feiras formava-se um cercado, chamado o *falso*, com

urzes entrelaçadas, rodeado de varapaus, onde os negociantes de gado dependuravam os seus gibões, e ali apresentavam os caprídeos para a escôlha e venda imediata, imolados para a tesnadura na braza.

Do gado caprino se pagava dizima, estatuida pelo § 7.º do foral da cidade. Valia um bode, 180 rs. e na venda a pêso, um arratel de carne de cabra comprava-se por 4 rs. apenas. Uma carta régia de 20 de Setembro de 1583, referente á parte de mantimentos nas congruas, concede ao deão da Sé do Funchal, doze cabritos por ano.

Em domesticidade tem sido melhorada a sub-raça local, pela entrada de mais puro sangue, tendo em objectivo a maior produção de leite, o que vem sendo conseguido, especialmente, com um novo cruzamento anglo-núbio.



Um cabrito das Desertas

O gado é prêso á mangedoura formada de varas, e abrigado num alpendre de colmo. Desmadas as crias, os cabritos são sacrificados para o consumo, e pela Páscoa os vemos, aos grupos nas ruas da cidade, dirigidos pelo bordão do condutor ou trazidos ao colo, de cansados, berrendo num aflitivo som gutural, antevendo a sua sorte, olhando as peles sangrentas dos seus companheiros que já o esfolador traz num braçado pendente.

Um ou outro de boa estampa tem jus a chegar a ser pai, mas cabrito não vendido em pequeno, é tornado neutro para a engorda duns três meses, amarrado á corda e a uma estaca que se afinca no terreno, limitando áreas circulares que se vão seguindo na monda ruminada.

As cabras de úbere farto, tilintando o chocalho, correm pelas moradas dos fregueses que, receiosos de dôlo na qualidade do leite, pagam mais caro para verificar a mungidura.

Cabras do mesmo fato são amigas, não guerreiam, mas

em aparecendo outra de diferente grupo, é logo, — topetada baixa e marrada alta, empunhadas em contenda de chavelhos, que é necessário despartar.

A pele caprina serve para o fabrico da bota do vilão ou bota chã, de cano voltado, podendo também desdobrar, a tapar a perna. Mais aperfeiçoada pelo sapateiro citadino, é orlada com uma vira vermelha e apresentada como artigo da indumentária campônia.

O môtto conduzido a distância, nos campos, por caminhos tortuosos e de áspera inclinação, é acarretado num ôdre bem original, que na Madeira se chama — *borracho*. E' este formado pela pele dum cabrito, voltada do avêso, operação difficil de ser executada, e que demanda alguma ciência e muita prática.

Sangrado o caprídeo, junto a um ouvido, macho em preferência, mas que seja de marca, isto é, tendo quatro palmos de tronco e uma só côr, ficando assim a pele mais homogénia, começa a esfolar pelas orelhas, despresado o resto da cabeça.

Pela abertura do pescoço, saem as espáduas e parte do tronco. Cortados os membros pelas *juntas e desarraigada a teagem*, vai sendo arregaçada toda a pele, ficando voltada do avêso. Como, porém, a da barriga é mais delgada, necessário se torna reforçá-la, o que se faz deixando, ainda aderente, uma parte dos tecidos.

Fechado o borracho pelos membros e pelos extremos, lavado interiormente com agua e cinzas afim de se poder arrancar mais facilmente parte do pêlo, é deitado em seguida a curtir num banho de casca do vinhático que lhe dá uma côr avermelhada.

Passadas estas operações, procede-se á insuflação do ar pela abertura do pescôço, apertando o borracho pela parte média para que forme cintura e se torne mais cómodo para o transporte sobre os hombros.

A suspensão faz-se, ligando a pele dos membros proximos, anteriores e posteriores, em forma de ansas, ás quais se prende a testeira formada de duas cordas paralelas que vêm apoiar-se sobre o frontal do condutor.

Os borracheiros servem-se na marcha, de um bordão a que se apoiam nas ladeiras e que serve também, por vezes, de alavanca para distribuir o pêso do borracho. Caminham a um de fundo, como as formigas, percorrendo distancias imensas, ao

som da sua triste melopeia—*a canção do borracheiro*—começa numa nota aguda e bem prolongada, descendo na gama a frasear um motivo dolente e triste, inspirado numa vida mourejante de trabalho, resignadamente, sem grandes aspirações, vibrando a antiga célula do escravo, ao serviço do senhor das terras vinhateiras.

A pele do borracho, envelhecida, não servindo mais para o transporte do môtto, é vendida, nos campos, ao sapateiro remendão que a aplica, mesmo assim arroxeadada, nos complicados concertos das botas velhas.

O número dos caprêdeos, no estado selvático, vem sendo sensivelmente diminuído, mercê das posturas protegendo a reabertura das serras, acusando a última estatística, apenas cêrca de 13.000 cabeças.

Uma antiga determinação do senado da ilha do Porto Santo, proíbia, em absoluto, o gado caprino, á solta.

As pedras de bezoar encontradas no buxo destes ruminantes, diferem das bovinas (*Vide página 31-32*) pelo tamanho e pela côr, tendendo para a forma oval das azeitonas, menos lisas ou escrabrosas, exteriormente pardacentas ou verdoengas, no interior formadas por camadas sobrepostas anegradadas, onde aparecem vestígios de fibras vegetais da alimentação.

Estes cálculos, não vulgares, crião-se no reservatório estomacal da pansa dos indivíduos velhos e são causa dum incômodo doloroso, dando azo a que os caprêdeos, julgando minorá-lo, esfreguem a barriga pelas rochas.



Condução de vinho em môtto pelos borracheiros

Na toponímia local, um pequeno cabêço no Porto Santo é conhecido por Pico da Cabrita, e na Madeira duas elevações

acima de mil metros tem o nome de Pico dos Bodes, respectivamente nas fre guesias do Estreito de Camara de Lobos e Ribeira da Janela.

Gado suino

A familia dos Suídeos apresenta os pés forquilhados com quatro dedos:—sendo dois, grandes, munidos de cascos, assentando no solo; e dois, pequenos, elevados, na parte posterior do pé. A frente bastante desenvolvida termina no focinho trombudo, de orla resistente e flexivel, disposta para excavar e revolver a terra, saído-lhe fóra da bôca, os dentes caninos, mais salientes ainda os inferiores, que se recurvam e afiam com a idade.

O tipo dos suídeos é o javali, *sus scrofa* L., de que o porco se considera um parente degenerado, pela escravidão, desde remota antiguidade.

Na coutada do Caniçal, na capitania de Machico, diz-nos o cronista das Ilhas, que existiam *muitos porcos javalis*, onde se organizavam faustosas caçadas para divertir a fidalgaria, sobressaído os filhos de *Tristam da Ilha*, quando não havia mouros a combater.

O porco montez ou javali ficou ali confinado, para êsse exercicio semi-bárbaro, mas prazer guerreiro de lançadas, acudindo os batedores com as facas de mato e os cães na perseguição do animal, esvaído sangue, que procura encostar-se a uma arvore, para morrer, de pé, com nobreza.

Desapareceu da Madeira o javali, como se extinguiu a célebre coutada de João Teixeira.

A progressão e regressão modificadas por múltiplices intervenções mesológicas são fenómenos demonstrados pela pujança ou enfraquecimento dum grupo de células que se harmonizam, produzindo no entanto um diferente aspecto, a dentro de certas proporções.

O porco das serras da Madeira provem do porco doméstico,

igualmente trazido, nos tempos da colonização, para junto das habitações rurais, e lançados outros, á mata, dispartidos em procura do sustento próprio.

O fruto das Lauráceas é seu manjar procurado, e na época da falta, volta-se ás raízes da feiteira, refocinhando a terra, de seguida, como num sulco de charrua. Moluscos, vermes, ratos e pássaros, tudo lhes serve, porque é um onívoro glutão.

Na ilha do Porto Santo, em vara serrana se agrupavam, no tempo em que copiosos dragoeiros, pendendo a loura maçãinha, lhes proporcionavam um pasto de regalo.

Pôrto dos Porcos e Ribeiro do Cochino são locais que recordam os suínos bravios que por lá houve. Ao norte da Madeira, corre a funda Ribeira dos Porcos, na freguesia da Boa Ventura e pela serra adentro, no espesso vale, ainda resmungam grunhidos, num resposno de lamúrias pela perseguição sofrida.

O porco bravo é caça livre, já desde o final do século XV, em que foi reconhecido o dano causado pelo focinhador dos regueiros que transviavam as águas.

Na abertura das levadas, podiam os trabalhadores matá-los para seu sustento, compensando o dono, com uma minguada indenização, mas nem isso se lhes exigia depois, ficando abrogada a pêne anteriormente imposta.

O porco doméstico chegou a usufruir regalias de fidalgo, nos tempos do palanquim, pois vagueava á solta, nas ruas da vila e mesmo depois, já, na cidade do Funchal, verrumando o focinho pelos monturos acumulados á esquina das congostas e travessas, ou farfalhando as águas sujas das valas abertas, onde eram arremessados todos os dejectos.

Vários escritores antigos se referem ao encontro dos suínos e ao seu grunhido de saudação, quando não era uma focinhada nas calças do transeunte.



Porcos da sub-raça terrantez

Em vereação de 15 de Março de 1662, houve o Senado funchalense, por bem, pôr termo á liberdade porcina, arrecadando as pênas da contravenção.

Aos sábados, corrido o *sino de tanjer* até a alvorada do domingo, dirigidas as águas das levadas, vinham limpar de arrasto a porcaria da semana.

O porco, recolhido ao chiqueiro, vive empalissado entre táboas e varas de estacada, com um alpendre de colmo para resguardo, um molho de palhas para cama que deseja limpa, pois não é tão porco como parece, para dormir ao canto opôsto dos escrementos, e um gamelão para a beberagem. Esta pia é um vaso quadrangular ou circular de cantaria, ou talhado num cêpo de castanho, tendo um orificio para desaguamento.

O gamelão fica colocado entre a palissada, deitando a metade, um pouco inclinada, para dentro do chiqueiro, e a outra metade, saliente no exterior, por onde é lançada a *bubrage*, de águas gordas da cosinha, lavagem de panelas e pratos, cascas, raizes, farelos, milho e ração de engorda.

Pelos campos, aproveitadas as grutas naturais ou excavadas nos tufos de pedra mole, fica o chiqueiro, reduzido a um tapume da frente, onde ha uma táboa corrediça para a saída do suino, quando no dia fatal da sua imolação.

Não deixa de ser impidoso, este animal. As moscas sugam-lhe as orelhas abrindo-lhe, muitas vezes, chaga. A cura é feita com o próprio estêrco, ou mistifório de azeite de palma e de peixe.

Na castração é usado o petróleo, mas há perito velho que preconiza o tabaco em pó, na ferida. Atacam-no certas doenças, a que o vilão chama:

—o *estupôr*, em que o suino roda continuamente no chiqueiro, o olho sangüíneo, e os membros enteriçados;

—o *ar mau*, em que se conserva deitado, com a cabeça em constante movimento, a escuma pela bôca e á roda do focinho;

—o *olhado*, em que lhe repugna a comida, e se conserva gemente, estendido de encontro á palissada.

São sintomas de doenças já estudadas, com a sua terapeu-

tica própria, mas o nosso camponês não acredita em remédios da botica para os animais.

Para combater o estupôr, lança mão das fumigações de louro e varias ervas aromáticas, entrando como coeficiente importante as *bentas* orvalhadas na manhã de S. João e colhidas antes do nascer do sol.



Leuada da Serra frequentada pe'os porcos bravos

Para *quebrar o ar mau*, nada melhor que uma garrafa cheia de agua, dependurada no chiqueiro, que é partida, quando atrae a si o maleficio, poupando o animal.

O *olhado* é onda de inveja, afastada com o alecrim e rosma-

ninho sêco, ás occultas, em cruz, no alpendrado, ou colocando bem patente no chiqueiro, um corno ou ferradura velha.

Nos países do Oriente e de temperatura cálida, é o gado suíno atreito a certas moléstias que podem contaminar o homem, razão porque Moisés, Mahomet e outros legisladores, proibiram o uso da carne de porco, incluída no rol das viandas imundas.

A' sexta-feira, no Funchal, não longe da praia e do Açougue, realiza-se a feira semanal de porcos e porquinhos. A sua procura é grande, de que resulta o bom preço por que são vendidos, mórmente se já foram *operados*. Um espectador curioso nunca sabe o preço ajustado, em surdina, na orelha do comprador.

A maior mortandade dos suínos na Madeira ocorre pelas novenas de S. João e pelas missas do parto, ouvindo-se o aflitivo ronco esganiçado que ralenta num gorgolejado sufocante ao grelar da manhã.

As fogueiras da queima para o *chamuscanço*, a pedra áspera escorificada para a rapagem do couro cabeludo, o içar do porco pelos tendões dos pés a um tronco de arvore ou vara grossa duma latada de vinha, dividi-lo num córte á Salomão, esquartejar, salgar e preparar a carne de *vinho e alhos* são tudo cênas interessantes que se repetem com entusiasmo e galhofa em duas quadras do ano.

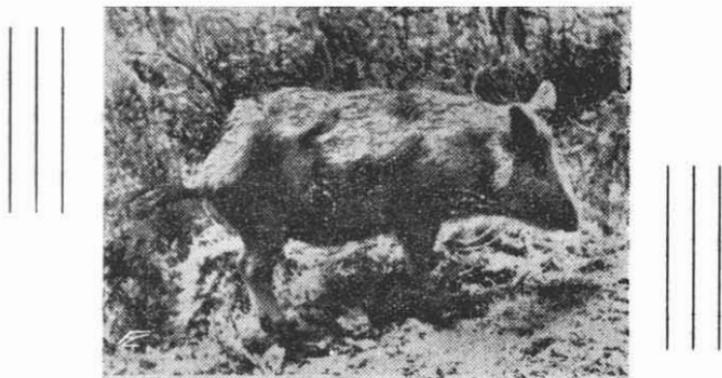
E' vulgar dizer-se—que a carne de porca mingua, encolhe e encortiça na frigideira, rendendo menos que a do porco; e mais —que mulher grávida não deve tocar na carne por que *embareja*, isto é, apodrece rapidamente. Tida como de inferior qualidade, a postura de 1738 preceitua: *não se venderá carne de porca por porco sob pena de 500 rs. pagos na cadeia, a metade para o denunciante e a outra para o concelho.*

O contracto de colonia agrícola da Madeira, trouxe como consequência a parceria pecuária. Se é o senhorio que dá o porco a criar, recebe no fim do ano, metade do lucro da venda; porém, se é fêmea destinada a procriação, pertence-lhe mais de cada

barriga, metade dos bacorinhos natos, depois de apartado o mais *vivinho* para o dono do *cachaço* (varrasco) que o recebe já com um mês de cria; se o porco é do caseiro, só paga ao senhorio, a título de pensão, pela *Festa* (Natal), a papada do porco que matar.

Porcos de raça têm sido importados para criação particular, rotundos e de farto toucinho, como as de Hampshire, Essex, o arrussado Berkshire, o York e Lincoln de dorso quasi horizontal e o branco Leicester.

A brava grei da serra vem diminuindo progressivamente.



Pôrco da serra, eriçando as cerdas

Uma caçada intensiva nas Serras do Peiso, em 1934 devastou a maior parte dos suínos bravos da região.

Arquivamos os característicos que lhe notou Tierno no seu relatório de 1897:

«tem a cabeça forte e mais delgada; a tromba muito comprida, as orelhas curtas, pontudas e direitas; o corpo menor, menos varudo; membros muito curtos, dorso arqueado; cerdas rijas e erectas, misturadas a uma lannugem anegrada, em varias regiões do corpo; e nos varrascos, as defezas, grossas e longas, igualam em tamanho as do *sus scrofa*».

O Gato

O gato doméstico, embora adaptado por uma série de gerações á convivência caseira, conserva sempre, mais ou menos modificada a célula perversa da malícia, impelida pela sua origem bárbara.

Os antigos egípcios tinham em estima os felinos, esculpindo em baixos-relêvos a sua figura, e os gregos consideravam-nos defensores dos celeiros.

Em nenhum documento encontramos a época em que foram trazidos ás Ilhas, mas em boa probabilidade é de crêr que datem dos tempos do povoamento, ou logo que apareceram os intrusos ratos vindos a ocultas nos fardos e caixotes de comedorias.

Um proverbio popular diz que—o diabo fez os ratos, mas Deus logo criou os gatos.

O gato *Felis catus* L., carniceiro, da familia dos Felídeos por constrangimento tomou os hábitos mas não os costumes concernentes á sociedade, «aceitando as meiguices a que nunca é sensível se não pelo prazer que lhe causam», aparenta ternura num fundo de crueldade.

Pela sua constituição, está a-dentro dos moldes dum animal feroz. Basta observar-lhe os dentes e as unhas retracteis, armas possantes do ataque. Os molares, de diverso formato, são trancantes e esmoentes, rompem e dilaceram a prêsa agarrada e sustida pelos salientes e aguçados caninos. Cinco dêdos nas patas da frente, quatro nas de traz, calosamente almofadados, estão dispostos para uma marcha silenciosa, astuta, precavida.

O seu faro é pouco, caça mais por espreira e por surpresa, pacientemente á espera, remoendo as patas, para armar o salto e cair de repente, alvejando.

Os olhos estão conformados a ver na obscuridade, dilatando a pupila que á luz intensa contrai, reduzida a um pequeno disco, e nêste diferente aspecto de aumento e diminuição, quere muita

gente inculca atribuir a influencia das marés, acusando a maré-alta e baixamar.

A sua crueldade se manifesta em especial com os ratos, demonstrando prazer no prolongamento da agonia, brincando com a vítima, num rodeio de esperanças, cansando-a, antes da morte.

O macho é mais fero ainda, pois muitas vezes não poupa os próprios filhos, pelo que a gata tem um especial cuidado em esconder bem a ninhada e quando a não presume bem oculta, desloca a prole, transportada pelo caçabo para outro sitio.

Os gatinhos só abrem os olhos depois da primeira semana, quando o pêlo os reveste, e são animais interessantes, brincalhões, inquietos, saltitantes, entretidos com negaças, rodopiando por vezes a querer agarrar a própria cauda.

Os felinos são aceiados na vestimenta, lambendo o pêlo com frequência, auxiliando-se das patas que ensalivam, para com elas limparem parte do dorso e a cabeça. Nas suas precisões escavam a terra em lugar reservado, raspam e pucham ao redor, depois, escondendo e aplanando a cova.

O gato doméstico habituou-se a um regime alimentar diferente do que lhe é proprio, aceitando comida cozida e tornou-se indolente e molanqueiro, afeito ao calor e aos estôfos.

Espreguiça-se estendendo as patas dianteiras, depois as posteriores, encurvando o dorso, e amola as unhas em qualquer madeiro ou tronco.

De cauda erguida e retraído, faz frente, ladeia e assopra em vendo um cão, (*) mas convivendo e educado, com ele se pode familiarizar.

O cão—Não é, propriamente, do nosso desataviado estudo, tendente apenas a uma divulgação de conhecimentos ligeiramente expostos, tratamos só do cão, animal essencialmente doméstico, companheiro util do homem desde os tempos mais remotos, como se conclue dos aglomerados fósseis das cavernas, nos monturos dos restos de cosinha, encontrados em diferentes regiões.

Auxiliar da colonização vem, pelo menos duas vezes, citado por Fructuoso, quando trata dos Capitães de Machico (Cap. XX das Saudades da Terra) e do Descobrimento das Desertas (Cap. LI), dizendo que naquela capitania havia *lebreos e cães de fila*, utilizados nas faustosas caçadas, e depois, no ataque duns corsarios á Deserta Grande, em 1503, com o fim de ali se proverem de gado, sendo repêlidos pelos pastores,

A pele do gato é bastante sêca e susceptível de electrizar-se pela fricção, experência clássica dum capítulo da física. Realizada em câmara escura, a temperaturas baixas, consegue-se observar luminosidades faiscantes destacadas dos seus pêlos.

No moderno campo científico, pode ser considerado este animal como um aparelho electrico-magnético, emitindo ondas atractivas. Tivemos ocasião de observar um gato imovel e de olhar fixante sobre uma tutinegra que numa arvore, aflitivamente descia de ramo em ramo, num castanholar piedoso, influenciada pela vontade persistente do felino.

O gato tem menos amor ás pessoas, do que ao local onde vive. Pela mudança de residência do dõno, obstinadamente volta ao local anterior, onde tudo lhe falta e até passa fome, para matar saudades da sua antiga residência, num miar plangente.



Gato bravo das serras da Madeira

Bichano abandonado torna-se, por necessidade, larápio, mas procura ocasião propícia para efectuar o roubo. Foge lesto, temendo o castigo, e por isso se diz que —gato escaldado, de água fria tem medo.

E' conveniente não se lhe furtar a saída, quando apanhado em flagrante, pois se conta que uma cosinheira, dando com um

que *vtndo abaixo, acharam hum cão de fila e muitas flexas que com a pressa deixaram.*

O cão dos rebanhos é mais de guia do que de guarda, por não haver lobos, e conduz o gado lanigero para os locais da tosquia, já descrita noutro capítulo.

O cão de vigia das quintas amuradas, para dar rebate dos ladrões é vulgarmente chamado *grade* e o cão pequeno de estima, é conhecido por *busico*.

O povo criou a palavra *azoigar* para definir a morte dum irracional e para este, não emprega o verbo *enterrar*, mas sim *atupir*

O cão é o animal de que se conhece maior número de raças, algumas introduzidas por estrangeiros visitantes. Um destes, consagrou na Quinta Vigia, uma lápide *ao seu melhor amigo*, em inglês.

gato na dispensa, fechara a janela, para poder sová-lo com uma vassoura, ao que, sentindo êste, cortada a retirada, acendeu-se numa sanha de ataque, arranhando-a horripelmente na cara.

Os gatos teem uma predilecção especial por certas plantas da família das Valerianáceas, estropiadamente chamadas *badia-*



Vale interior, vivenda de gatos bravos

nas, e algumas Labiadas, como a abrotona, uma erva do género *teucrium*, sobre as quais se roçam com prazer.

Para significar que o gato é muito resistente, caindo de alto e estorcendo-se no ar, para tombar sempre de pé, atribui-lhe o

povo *sete fôlegos*, e ficar punida a pessoa que o mate com sete anos no purgatório.

O gato bravo é uma regressão do doméstico ao primitivo estado selvagem. Fugidos das povoações escolheram os lugares ermos na serra, de preferência arborizados, onde dão caça aos ninhegos, aos ratos das bouças, às louras dos coelhos, atiram-se ao borboletão almiscarado e não desdenham de mascar uma lagartixa, separando-lhe o rabo que, numa prolongada vitalidade nervosa, é seu divertimento, dando-lhe piparotes para o ver saltitar e estorcer.

Quando farto, espoja-se ao sol sobre uma pedra quente, em sôno breve, despertado ao menor ruído.

Os gatos bravos encontram-se nas serras do Estreito de Câmara de Lobos, Curral das Freiras, Poiso, Santo António da Serra e nas rochas da Ponta de S. Lourenço.

Um elevado pico na cordilheira central da Madeira recebeu o nome de Pico do Gato, por ter sido um, avistado antigamente no seu abrupto cimo, e em Machico há o sítio do Cerrado do Gato.

Na Ilha Deserta Grande, foram lançados alguns casais em 1801, quando de novo se tentou um plantio, para que dessem cabo dos coelhos que nada deixavam permanecer e em breve tempo se tornaram bravios, escavando tocas ou *madraqueiras* para seu abrigo e da prole. A sua tendência, porém, voltou-se mais para os ninhos das pombas e aves marinhas que naquelas rochas abundantemente procriam.

O instinto ancestral, reversivo no meio próprio, deu-lhe a sede de sangue e da matança; tomou mais robustez nas garras e nos músculos e aumentou a corporatura. A pelagem, mais densa, veste-o em geral dum pardacento desbotado com listas transversais anegradas, até a cauda que abana no extremo, em preto. Apurou o ouvido aos rumores da selva, com grande mobilidade nas orelhas, parecendo, por vezes recuadas, e a bola dos olhos, luminosa, tem necessidade de abranger um maior campo.

O gato da Deserta é bastante corpulento, de pêlo carregado ao negro amaciado, e o mais bravio.

Surpreendido, entre o mato, ergue a cabeça rapidamente para observar, antes de decidir a fuga, ocasião azada para o ca-

çador lhe atirar. Mal ferido, engrifa-se num salto de tigre, com o dorso arqueado, procurando vingança, rosnando de raiva, arremetendo ás cegas, sendo necessário abatê-lo com prestesa e serenidade.

O Rato

Proprietário de habitações, armazens, celeiros, campos cultivados ou incultos, incômodo comensal, o rato quer saber onde ha víveres para estabelecer-se o melhor que possa. Come de tudo e o que não come, roe.

Previdente, armazena por sua vez para a família, e mais particularmente, no tempo das ninhadas. A sua ternura, está na razão directa da abastança, porquanto, assediado pela fome e sem provisões, o mais forte é que vence, numa luta ás dentadas. Nota-se por vezes, especialmente nos campos, depois duma multiplicação excessiva, acontecida em certas épocas, diminuir como por encanto a rataria, e um dos coeficientes da quebra foi a batalha que se travou numa devora mútua e encarniçada.

O rato é da familia dos Murídeos, ordem dos Roedores, e como tal, tem os dentes dispostos para a sua função, não carecendo de caninos, e os incisivos acham-se talhados em escôpro de fino corte.

O focinho mostra-se aguçado, desprovido de carne na faceira, donde brotam fartos bigodes. Principalmente, pelo tamanho da cauda e número das escamas que a reveste, é que se entra em tabelas para a sua classificação.

Os seus hábitos, na generalidade, tem muito de comum, entre as diferentes espécies.

O murganho *Mus musculus* L., por ser o mais pequenino, talvez fosse o primeiro, subrepticiamente introduzido no importe de vários volumes de mantimentos, necessários á colonização, e sómente êste, existia no Porto Santo, quando Fructuoso escreveu as «Saudades da Terra» no século XVI, onde se lê,

—encontrar-se ratos pequenos ou murganhos, *sem haver nella dos grandes*, que posteriormente apareceram.

O *Mus musculus* é um ratinho mais caseiro, elegante, de orelhas grandes que sendo puxadas á face, chegam-lhe aos olhos, de pêlo cinzento escuro, abdomen e patas mais claras e cêrca de 180 escamas na cauda. No Porto Santo é chamado—rato dos moínhos.

Brando e tímido, por natureza, tornou-se familiar por necessidade, e se nos seus movimentos aparenta receio, em vendo que não é molestado, avança aos poucos, cuidadosamente. O murganho é facil de ser domesticado e tivemos dois, que acudiam á chamada, pelos nomes que lhes havíamos pôsto.

A ratazana vulgar é o nosso rato maior, *Mus norwegicus* Erxl., o mesmo que *decumanus* Pall., chamado tambem rato cinzento, embora a pelagem seja variada, passando pelo amarelo torrado empardecido, quando vai para a velhice, embaciada no ventre a clarear.

A tonalidade mais escura marca o meio-dorso, e na cauda, dum trigueiro carregado, chega-se-lhe a contar para cima de 250 escamas.

Tem uma larga distribuição pelos edificios velhos, onde faz correrias no fôrro, em festim de noivado, chia com ciumes, anda pelos canos de esgôto, convive nos palheiros de gado, cavalariças, chiqueiros, etc.

Avassala as terras de cultivo, as hortas e pomares, com residência entre as pedras amontoadas dos muros ou minando galerias no subsólo, ao abrigo da água, escolhendo o terreno farto de raizes que deem mais garantia e resistência ao tecto das abóbodas, a construir nas câmaras mais vastas.

Nos camalhões das *soqueiras* da cana de assucar e milheirais, nos *poios* da batateira, nas sebes divisórias arbustivas e renques apertados de vegetação, nos tapumes de ramagem sêca e matagais, assenta pousio confortavel e bom viveiro, se não fôr convenientemente perseguido.

Assembleiam os ratos, pelo estio, em ano de fartura, no refúgio das moutas, num repasto alegre e comum, onde cada qual apresenta o produto das suas diligências. Então, são amigos. Atestam-no os despojos de cascas e caroços e os excrementos achegados numa pequena área. Normalmente, acarretam para

as tocas quanto é mais duravel, em subsistências, como sejam os legumes e cereais.

Na apanha dos pomos e outros frutos, nem todos sobem a arvore. Ficam alguns em baixo, erguidos nas patas trazeiras, encarregados de rolá-los para o seu destino.

O instinto aperfeiçoado por gerações deu-lhes ensinamentos curiosos e viveza de ingenho.—Abraçam-se a um ovo com as patas dianteiras, para descer com êle, pelo pé duma mesa; tombam de costas, para o não partir, descaíndo um degrau; introduzem a cauda numa vasilha baixa, de pequeno gargalo, que contenha um líquido que seja do seu agrado, e assim o vão lambendo, reduzindo aos poucos, etc.—espertezas de rato.

As ratazanas, são por vezes causa de susto, em receiosos rumores, atribuidos ás almas do outro mundo, para quem se não dá de investigá-los.—Alta noite, um saco contendo nozes, foi roído na base, e estas, sem a resistência oferecida nessa parte do invólucro, foram escorregando e saíndo, derrubadas duma prateleira, numa estropeada involgar, causando não pequeno sobressalto a os moradores, a essa hora já na cama, atemorisa-



O rato cinzento

dos. Fez-se silêncio, e pouco depois, ouviam umas vergastadas, a compasso, e um som cavo de maçanêta ôca, que produzia calafrios. Fôra um dos ratos que, roendo uma noz para lhe extraír o conteúdo, ficára com uma mão prêsa dentro dela, e assim descia uma escada, zabumbando, aos saltos, os degraus, chicoteados pela caudal. . . E dêstes casos e acasos, muitos outros.

O rato cinzento é o mais afouto á agua, mergulhando sem constrangimento, para atingir o seu objectivo. No lago do Jardim Municipal do Funchal, era antiga usança isolar a comida dos patos numa pequena barquinha, mas os ratos a nado e sem cerimónia, vinham compartilhar da ração do milho.

Na freguesia da Ponta do Sol, ao ser traçada uma levada,

os ratos atravessavam-na, fugindo para os terrenos superiores, e ficou-lhe o nome de—Levada Rateira.

No mar, desenvencilham-se na onda, na ância de desfecho. Por ocasião do naufrágio do vapor inglês «Forerunner» perto da Ponta de S. Lourenço, em 1854, appareceu no Ilheu de Fóra, uma invasão de ratos, que conseguiram salvar-se, o que é uma explicação da sua entrada nos rochedos oceânicos.

Na ilha de Santa Helena, segundo conta Las Casas, era dêles uma praga, e num dia que Napoleão procurava o seu chapéu, saltou-lhe de dentro, uma ratazana, de surpresa, talvez a única ocasião em que o Imperador se assustasse.

Tecidos, papeis, folhas, remoe para cama enovelada e dêste seu desalinho veio chamar-se a uma arrumação desordenada—um ninho de ratos.

O daninho roedor é sanguinário e ataca de noite, as capoeias e pombais, preferindo as aves novas, que apparecem mortas com uma ferida no pescôço. A um pôcco, a dormir, sonhando talvez que o estavam coçando, raparam-lhe uns centímetros de toucinho do alto do lombo, na camada exterior, menos sensivel; e a um burro doente, que tinha aplicada uma mézinha caseira, de farinha com azeite, estirada num trapo, foram-se-lhe as papas e mais parte do inchaço, numa adequada operação cirurgica, rateira noturna.

O pior, é que gente pobre, deixa inadvertidamente, crianças a dormir, no solo térreo da mansarda, sem resguardo, sendo vítimas, por vezes, de terriveis mordeduras serrilhadas.

Outro rato, muito semelhante, *Mus rattus* L., chamam-lhe o rato preto—o nome o diz,—diferencia-se pela côr mais uniformemente escura, num tom de basalto molhado, anda menos giboso na apparencia, a cauda é mais curta em aneis, e não atinge as proporções do seu parente.

Não é tão comum como o cinzento, ou pelo menos, fórma colónias á-parte, preferindo os locais mais altos e solitários, as quintas arborizadas, trepando, ao entardecer, pelos carvalhos e acácias, etc. Dá grandes saltos, entre os galhos e equilibra-se, na orla da ramagem, para atingir um fruto. Mais integrado, ao que parece, no regime vegetariano, não poupa os rebentos das palmeiras, dos bambús, do alegracampo, das pepineleiras, et. Gos-

ta muito de maracujás e de todos os frutos de mêsa, devastando os pomares e terras de cultivo, como o seu primo de rabo mais comprido.

A ratazana da Selvagem Grande, é o rato da Barbaria, com a cauda comprida e grossa, e de côr carregada escura, excepto na região do ventre, que é coberta de pêlo todo branco. Baring e Grant que dali trouxeram alguns exemplares dêstes roedores, julgavam ter encontrado uma nova espécie de rato, mas Thomas Oldfield crê ser o rato de Marrocos,—*Mus barbarus*, L., comum no norte de Africa.

Comparativamente, a menor corporatura é condição típica do isolamento, e num local pedregoso puxou ao tom da rocha, mais trigueiro, bigode escuro, lavado para o extremo, menos marcado nas listas horizontais que caracterizam o seu avoengo do noroeste africano. Presentemente não é vulgar, acolhido aos pontos mais elevados, em profundas tocas.

O murganho existe tambem na Selvagem Grande e no Ilheu Grande. Estas duas espécies de ratos nutrem-se ali, quasi exclusivamente, dos ninhegos e ovos das aves marinhas, destruindo as posturas do calcamar—*Pelagodroma marina* (Latham) interessante palmípede que, no Atlântico, só procria nêstes ilheus solitários.

Um conhecido naturalista madeirense, passando uma noite no Ilheu Grande, sentiu que alguns murganhinhos se introduziam pelas mangas do seu casaco de abafo, procurando calor, e tratou de não molestar as visitas. Só com um grande amor ao estudo dos hábitos dos animais, se consegue ser tão benevolente.

Quando a lua vai para o escuro, como diz o nosso campônio, ou seja, pelo quarto minguate, é que se deve armar aos ratos. Ha preconceitos velhos que parece não terem justificação, por enquanto, ao menos, mas que poderão com o bosquejo de causas externas que influem na determinação da vida, vir a ter uma explicação... astronómica. A prática fundada na experiência, deve obedecer a uma força mais longínqua.

As artimanhas e ardis para embaír os ratos, uns são bem simples, outros disfarçados em maquinêta.

Habituaem-se os ratos a um caminho preferivel nas varas de

uma latada ou pelos ramos de uma árvore, e dessa observação resulta ser-lhes colocado, na passagem pretendida, um laço de arame fino, em que estupidamente se enforcam, á-Judas, pela teima de avançar. Uma lágea mal sustida por um pequeno suporte iscado, esborracha-os sem contemplação.

O ingénuo murganho cai debaixo duma taça, por ser curioso, fazendo rolar um canudo de cana em que assentava a borda invertida.

A *verdisela* é uma tramoia campestre, fundada em duas alavancas e um redente que se desprende, provocando a queda de pedregulhos assentes sobre uma táboa.

Curioso ainda, é o *balanceio* ou báscula, que volta á posição primitiva, sobre uma vasilha de folha, alta e larga, como as que se aplicam para lagartixeiro, atraídos os ratos pelo engôdo aromático que não conseguem agarrar e se desequilibram, tombando ao fundo.

A farinha com gêsso até mata ratos que sedentos ficam com o estomago panificado em pedra, e processos há, da química de morte, pouco aconselháveis, pelas precauções que exigem.

Raciocinando um pouco, os dânos causados por êstes commensais constituem um tributo anual pesado que se pode minorar, não sendo relaxado.

Uma antiga postura do senado de Machico fazia multar o chefe de familia que não viesse apresentar, anualmente, um certo número de rabos de rato, e o corregedor Veloso de Oliveira, no século XVIII, como inspector de agricultura, manda que se limpem as silvas nos caminhos, para diminuir o número de razananas, ordenando mais que cada pessoa apresente no mês de Abril, em Câmara, trinta cabeças decepadas.

Os ratos teem aversão á hortelã-pimenta, e mais plantas desta família, cujo princípio activo é o mentol, que os afugenta.

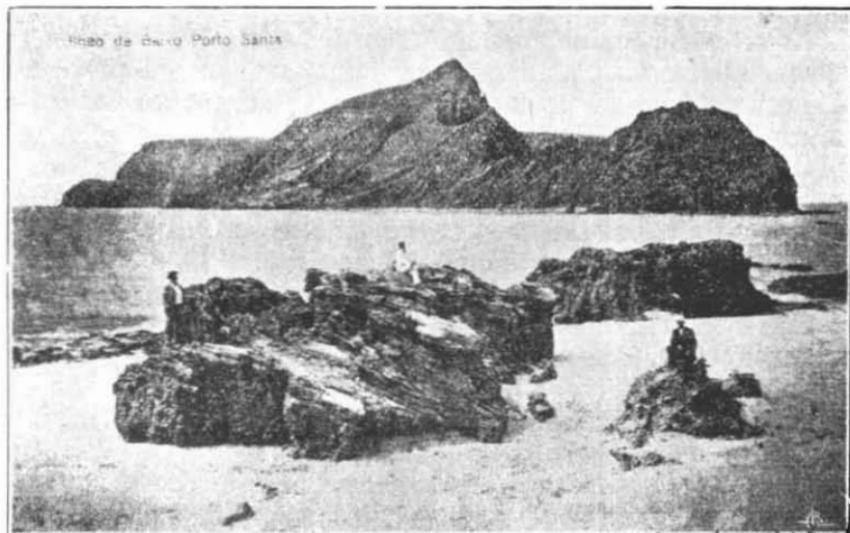
Embirram tambem com o cheiro da feiteira roçada, e na armazenagem das sementes, aos montões, em lojas térreas, temos visto, em cobertura, camadas da fronde dêste feto, em protecção, ao que nos dizem, produzindo o afastamento dos ratos.



O coelho

Da ordem dos Roedores, família dos Lepurideos, o coelho *Lepus cuniculus* L. está presentemente incluído no género *Oryctolagus*,—*O. cuniculus* (L.) separado assim do da lebre.

Sempre que se tem escrito sobre a ilha, primeira sentinela do Atlântico que bradou—*álerta*—aos navegadores do Infante,



Ilheu de Baixo ou da Cal, antiqamente denominado—Ilheu dos Coelhos

vem a talhe de fouce, na roçadura histórica, o caso acontecido a bordo da caravela do povoamento, relatado na crónica de Azurara e repetido como um éco, em constante ondulação:

«indo a coelha prenhe em hua gayola e acertousse de paryr no mar, e assy levarom todo aa ilha. E seendo elles alojados em suas cabanas pera ordenarem suas casas, soltarom aquela coelha

com seus filhos pera fazer criaçom, os quais em muy breve tempo multiplicarom tanto, que lhe empacharom a terra, de guiza que nom podyam semear nhua cousa que elles não stragassem. E he muyto para maravilhar, por que acharom que no anno seguinte que alli chegarom, matarom delles muy muytos nom fazendo porem mingua; por cuja razom deixarom aquella ilha e passaramse aa outra da Madeira».

Bartolomeu Perestrelo, a quem foi doada a ilha do Porto Santo, importunou-se tanto com a praga dos coelhos que devastavam as culturas que, segundo informa Gaspar Frutuoso, nas «Saudades da Terra», se tornou para o Reino, mas o certo é que de novo regressou com promessas de beneficios.

As sebes de espinheiros, ao redor das hortas, protegendo-as do avanço das areias, embaraçavam tambem os daninhos roedores, mortos a laço e á paulada, e assim diminuiram um tanto, na ilha principal.

O ilheu que protege a baia, pelo ponente, ficou sendo dêles, a mais nutrida moradia, refresco, *onde vem muita gente folgar*, chamado o Ilheu dos Coelhos, e *ha dia que se mata duzentos sem acabar de os destruir*, como escrito ficou.

O coelho do Porto Santo tem tido honras de citação em estudos de filosofia zoológica, como um individuo que evolucionasse no curto espaço de cinco séculos, para a formação duma nova espécie.

Darwin, Haeckel, Miller e outros sábios, não vizitaram o Porto Santo, mas disseram de longe, o que lhes pareceu.

Darwin fez observações,—sobre várias peles e dois coelhos vivos portossantenses que existiram no Jardim Zoológico de Londres,—comparados com os coelhos bravos de Inglaterra, e achou-lhes diferenças, especialmente na pelagem, menor corporatura, fazendo notar que ali se não cruzavam com outra espécie.

Haeckel adiantou-se a formar com o coelho do Porto Santo uma espécie nova—*Lepus huxleyi*, dando-lhe características que não tem.

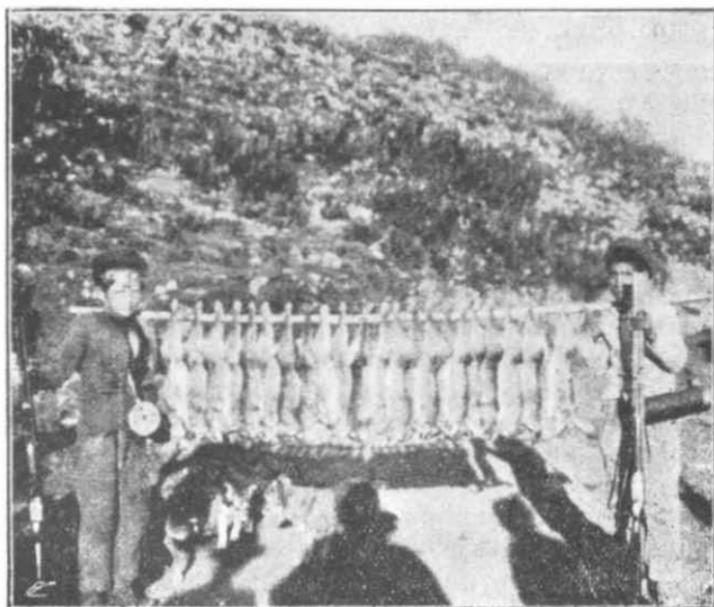
Miller muda-lhe o género e admite a sub-espécie, chamando-lhe *Oryctolagus cuniculus huxleyi*.

O Dr. Carlos França, nosso saudoso amigo, com quem en-



tretivemos correspondência sobre este assunto, esteve por duas vezes no Porto Santo e observou o meio próprio, que ha bastante tempo desejava conhecer, obteve exemplares vivos, conservando dois casais durante dois anos, em cativoiro no quintal da sua residência em Lisbôa, onde se não reproduziram. O resultado de seus estudos foi publicado no «Bulletin de Socièté des Sciences naturelles Lisbonne 1913. Vol. VI Fasc. 2» e tem por titulo *contribution á l'étude du Lapin de Porto Santo* («*Oryctolagus cuniculus Huxleyi* Haeckel).

Muito ariscos, nunca se habituaram a saír dos esconderijos,



Caçada de coelhos no Poiso

em presença de qualquer pessoa, tomando o alimento apenas de noite. A pelagem modificou-se um tanto, tendente para a do coelho selvagem de Portugal, porém a diferença mais acentuada se manifesta nos caracteres craneanos, apresentados em 10 fotografuras, tendo bastante «desenvolvidos os ossos que tem uma relação imediata com os órgãos dos sentidos.»

O coelho do Porto Santo é um descendente do coelho sel-

vagem da Europa do Sul, a que pertenceu a sua progenitora, *coelha-mãe*, e as modificações do meio insular poderão justificar a criação duma sub-espécie.

Posteriormente, e como experiência para verificar se o coelho do Porto Santo se abstinha do cruzamento com outra espécie, foram lançados coelhos mansos, de várias côres, no Ilheu de Baixo e verificou-se que, nos primeiros anos, apareceram alguns, de pelagem mixta, o que é um novo subsídio para este interessante estudo, contrariando a suposição de Darwin, de que o coelho do Porto Santo era uma forma estacionária. Do acasalamento local e choque de sangue, notou-se um rebate oposto, aparecendo alguns coelhos brancos (*albinismo*) e outros todos pretos (*melanismo*) redundando depois as gerações progressivas para o tipo inicial que as condições mesológicas lhe marcaram.

E' sabido que a fome e a sêde modificam tambem o aspecto do individuo, encontrando-se, nalguns ilheus, em anos de miséria, coelhos aparentemente gôrdos, porém inchados, pela necessidade que os obriga a esmoer os caules sêcos, irritando assim os intestinos com a áspera cellulose indigesta, da trituração dos lenhos, não resistindo por muito lempo, a êsse falso pascigo.

Os coelhos, para estudo, transportados para Inglaterra, acertaram a pelagem na tendência da forma *septentrionalis*, e os levados a Portugal, aproximaram-se da coloração *meridionalis*, patente demonstração de influência dum meio regressivo.

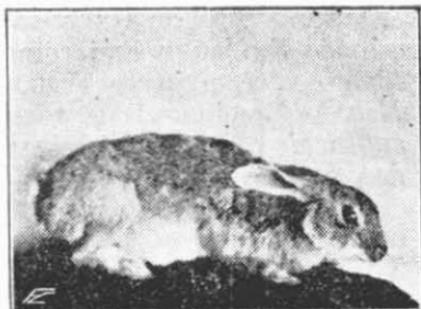
Tendo, naturalmente, uma origem comum, podem, no entanto, distinguir-se os coelhos do Porto Santo, Madeira e Selva-gem Grande, não só pela estatura crescente, como na pelagem, mais pardaço-cinza nos da Madeira, mais arruivada nos das Selvagens.

O coelho escava como o rato, galerias subterraneas, mais longas e angulosas, tendo uma câmara central ampla, sem armazens. Aproveita tambem os montões de pedras e as cavidades rochosas naturais, para seu abrigo. A fêmea resguarda a prole num apartamento em sacco, cujo fundo reveste de pêlos que arranca do ventre para conchego da ninhada, vedando geralmente a abertura com terra amassada. Os coelhinhos nascem nús, róseos e de olhos cerrados.

O coelho bravo vive em boas relações de sociedade e um certo respeito pelos mais velhos que são como arvorados em *chefes de loira*, prudentes e avizados, velando pela segurança comum. São êstes que dão o rebate, num rufo com as patas trazeiras, quando pressentem o perigo no campo, ordenando a retirada. Degladiam-se, porém, os machos na época dos amores, em mordeduras ferozes, dessarraigando, a-miude, os mais fracos, inhabeis para o seu intento.

A caçada aos coelhos, antes do emprêgo da pólvora, era normalmente, á calcada, perseguidos á vara, apertados num cêrco para escolhido recinto, onde batedores e cães, em estrondeadada gritaria e latidos, davam nêles, desorientados pela perseguição, em desesperada tonteira, tombando num guincho de morte

A caça é um exercicio higiênico, ao ar sadio dos campos, destro na transposição dos obstaculos, cheio de interesse e agitado, propenso tambem, a folguedo e reunião ao-redor da cesta dos mantimentos.



Coelho-lebre do Ilheu Chão

As raças domésticas derivam do coelho selvagem, por selecção de individuos e cruzamentos, importante comércio nalguns paizes, criadas mais para a obtenção de macias e variagadas peles, dos adornos e regalos femininos, como sejam os fabricados á custa do coelho-zebelino de Aigleville, imitando a marta.

No Ilheu Chão, foram lançados alguns casais da raça normanda, coelho-lebre, que ali se adaptaram perfeitamente, á solidão pacifica deste rochedo aplanado.

Maiores do que o coelho bravo, como êste, perfuram a tóca nos *molêdos*, ou reinterâncias rochosas, nas âbas do planalto. Teem os membros posteriores assás desenvolvidos e o comprimento da orelha excede o do focinho. A pelagem é amarelento-arruivada, intrometida de cinzento. Cabeça e dorso mais escuros.

Olhais, abdome, extremo do focinho e fôrro da orelha, em branco. Cauda escura, na parte superior, clareando, por debaixo.

A pele dos coelhos era utilizada antigamente em capacho ou tapete, especialmente no Porto Santo, á entrada das habitações, para limpar os pés, da areia, e hoje ainda ali observados nas casas pobres, sem madeira no soalho, ao lado da cama. Cozidas as peles, tambem davam barrêtes.

O pêlo, servia para o fabrico do feltro, na profissão de sombreireiro, como antigamente se chamava ao chapeleiro, e na linguagem popular *chapeleiro*.

Houve no Funchal, no século XVI, a rua do Sombreiro, depois, rua do Chapeu, a oeste da igreja do Carmo, e mais tarde, uma fábrica de chapéus, na rua dos Balcões, onde se acertavam com mestria, *na cabeça, à vontade do freguez*.

Numa carta de «examinação» mandada passar pelo almotacel-mór, Nicolau de Faria, em 1596, a requerimento de Francisco Alvares, foram juizes Francisco Pinheiro, *sombreyreiro de S. Mag.^{da}* e Domingos Dias, *sombreyreiro da Côrte*, que o acharam *sufficiente* para poder fabricar sombreiros brancos, pretos e pardos, nesta cidade. (*)

Exportando-se muito dêste pelame para Inglaterra, o arguto ministro de D. José I «manda que as peles de coelho sejam vendidas aos directores da Real Fabrica de Pombal e ninguem as possa vender para a estrangeiro. (**) Era uma medida patriótica, defendendo os seus interesses».

No estudo das funções orgânicas da economia animal, o coelho tem sido um paciente e martir de experiencias patológicas, vacinado e injectado ao sabor da evolução científica.

O Dr. Ferdinand Christmann, da Universidade de Estrasburgo, estudando o clima da Madeira e a tuberculose, organizou na sua residência, aos Ilheus, de 1888-90, uma coelheira-hospital com provocados doentes, carinhosamente atendidos. (***)

(*) Arq. Geral da C. M. do Funchal. L.º III fs. 222 v.

(**) Arq. Geral da Camara M. do Funchal L.º VI fs. 5.

(***) Publicou uma dissertação inaugural *Funchal auf Madetra und seine Klima* Zabern 1889. A morte surpreendeu-o na Alemanha, não chegando a completar o seu projectado trabalho sobre *Tuberculose*.

A prolificidade dos lepurídeos é considerável, e a sua introdução nalgumas ilhas produziu o desânimo dos agricultores. (*)

Quando introduzidos os coelhos na Austrália foi tal a multiplicação, que só por meio duma epizootia ou contágio mórbido, se conseguiu dizimá-los.

A lebre

Da mesma família do coelho—Lepurideos—a lebre, *Lepus timidus*, L. é um roedor de maiores dimensões, com os membros posteriores mais desenvolvidos, dispostos para o salto lesto, o corpo esguio, menos refeito, o peito apertado, orelhas tombadas para traz e maiores que a cabeça, cauda curta, pés calçados em lanugem.

Não faz toca. Nidifica ao abrigo duma mouta, em esconderijo de ervagens e ramos pendentes sobre o solo, escavando, ás vezes, sómente uma pequena bacia, onde se disfarça, semi-enterada na terra. Nascem os lepritos, de olhos abertos, vestidos de pêlo, sendo êstes dois característicos opostos aos observados na ninhada dos coelhos.

A lebre passa a vida nas imediações do lugar onde nasceu, correndo com extrema velocidade, derivando, quando perseguida, astutamente, a direcção.

O naturalista Brehm não concorda com Lineu, em ter chamado a lebre *tímida*, pois é vigilante e precavida, achegada ao terreno que se confunda na côr, furtando-se nos cortes e evitando os taludês ásperos.

Tem propensos hábitos noturnos e prefere as planícies que lhe proporcionem ervas aromáticas, não se dando bem numa área onde se encontre com os coelhos.

A Comissão Venatória do Distrito mandou lançar em 1935, nalguns sitios na serra, alguns casais de lebres da espécie mediterrânea.

Em cativoiro, já foi obtido o cruzamento da lebre com o coelho.

(*) O curioso livro *Paralelos de Principes & Lisboa 1738*, no Capitulo CLI, faz a comparação entre as lebres de Carpato e os Coelhos do Porto Santo que tudo devastaram.

O furão

Em 1817, com todas as licenças necessárias, foi publicado em Lisboa, um resumo de História Natural, obra oferecida a «Sua Alteza o Príncipe Rial», pelo Padre Mateus da Costa, mestre de cerimónias da Sé, que a traduziu do francês, com *muitas correções e artigos novos*.

Nos livros velhos também se aprende, e a noção seguinte de lá veio:

“O furão é natural dos países quentes, e só vive nos nossos climas no estado domestico. Cria-se para a caça dos coelhos de que parece ser o inimigo natural, pois quando se apresenta hum coelho, mesmo morto, a hum furão novo que nunca visse coelhos, lança-se-lhe logo em cima e o morde com furor, e se he vivo, agarra-o pelo pescoço, pelo nariz e lhe chupa o sangue.

...O furão dorme continuamente, mas este somno não lhe serve de nada, pois que cada vez que acorda, come sempre com a mesma vontade insaciavel».

Vários naturalistas, entre eles, Cuvier, julgam-no uma modificação do toirão fedorento *Mustela foetidus* Gray, carnívoro, da familia dos Mustelídeos, que se encontra na Europa e em alguns sitios em Portugal, embora pouco comum.

Na opinião de outros, Buffon, por exemplo, presume ser uma espécie trazida, em remotos tempos do norte de Africa, para reduzir os coelhos que em algumas provincias hispânicas prodigiosamente se reproduziam, inutilizando as sementeiras. Espalhado na região mediterrânea, fizeram dêle, uso os gregos e romanos, para dar caça aos ratos, conservando-o abrigado nas habitações, pois os abandonados desapareciam, por não poderem resistir ao frio do inverno. E assim, vem sendo dito que o furão apenas existe no estado de domesticidade.

Lineu considerou-o uma boa espécie, com o nome de *Mustela furo*. Ainda se não julgava do cruzamento com o toirão.

No estado doméstico, os animais criam hábitos consolidantes num meio cerceado, atenua-se-lhes a maldade, e esse cons-

trangimento redunda, na prole sucessiva, em alterações do tamanho e modalidades de vestimenta, onde mais frequentemente se observam os casos de albinismo parcial ou total. Grande número dêles, na Europa, são todos brancos, com os olhos vermelhos.

O furão é um animal de corpo alongado, cilindroide, cabeça fina, orelha curta, focinho agudo, bigodes compridos e ralos, cinco dedos em cada membro, ligados por uma pequena membrana e providos de unhas compridas e fortes. É digitigrado, isto é, apoia-se, a andar, sobre os dedos.

Mais pequeno que o toirão, tem a pelagem num tom amarello-pardacento, mesclado, escurecido ao cimo da cabeça, no alto do lombo e na parte inferior do corpo; mais clara, esbran-



Furão das serras da Madeira

quiçada, na faceira, ao extremo do focinho, na garganta e nos flancos. A cauda é negra, e anda por um terço do comprimento do animal. Exala um cheiro bastante desagradavel, acre-fedorento, que já de per si, a distância, infunde um terror desconhecido, avisando os coelhos do seu inimigo encarniçado.

Para a caça, o furão vai na *aljava*, caixa cilíndrica de madeira ou formada por um grôssio *bambú-de-rêde*, levado a tiracolo, pelo caçador que tirou licença especial para o empregar.

O furão não actua livremente. O seu ímpeto é sofreado pelo açaimo de verga, e além disso, muitas vezes, já sem as *prêsas*, os dentes caninos que lhe foram arrancados para não ser cruel.

Quando é lançado numa loura de coelhos, são armandos laços nas diferentes aberturas por onde estes podem sair, e dentro

em pouco, fugindo espavoridos, são apanhados ou mortos a tiro. Acontece algumas vezes, porém, que o furão consegue morder e cevar-se no sangue dos seus perseguidos e então *amua*, deixa-se ficar em confortado sôno ao fundo da toca, fazendo desesperar o caçador, á sua espera. O remédio a dar, é vedar-lhe a saída, para ser destapada no dia seguinte e captá-lo, quando pela fome procura abandonar o esconderijo. Tem sido empregado um cordel preso ao pescôco do furão, ao ser lançado, para poder puxá-lo para fóra, e um guizo, afim de denunciar o local onde se acha.

Passado o tempo da caça, os furões são guardados em gaiola apropriada, com cama de terra e palha, sustentados a pão e leite, batatas, carne, etc.

Furão fugidiço causa não pequeno dâno nas capoeiras e não sendo apanhado, afasta-se para a serra, onde encontrou o meio próprio da sua existência, na liberdade controvertida.

Dá-se na Madeira a regressão dêste animal ao estado selvático, aumentando de dimensões e escurecendo o pêlo, em sucessão.

Encontram-se em Santana, Achadas da Cruz, Poiso, Estreito de Camara de Lobos, etc.

No aprêço de raça e proveito serviçal, melhor serão os provindos do cruzamento entre os bravios e domésticos.

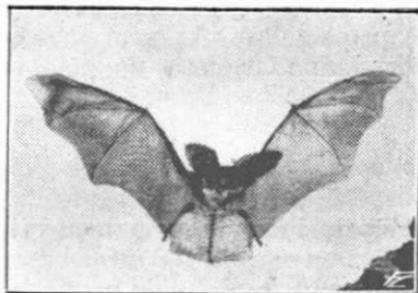
A fêmea, em geral, tem três pariduras anuais, distanciadas de dois meses, e sendo a prole numerosa, devora os filhos que não possam ser amamentados convenientemente.



NO AR

O morcego

Estranho animal é o morcêgo, quadrúpede alado, que por modificações sucessivas, apresenta actualmente uma fôrma bizarra, tendo dado que fazer para o encaixarem numa classificação conveniente, separada, como deve ser, das outras ordens dos animais.



O morcego orelhudo

Aristóteles grupou-o com as aves, mas ali não estava bem, apresentando dentes, amamentando os filhos, e podendo andar sobre os quatro pés, embora rasteira e atabalhoadamente.

Lineu, quiz dar-lhe honras de primata, o que de certo modo o relacionava com o macaco, mas á simples vista, repugna o parentesco, embora fundamentado em que a fêmea possui as glandulas mamárias no peito, para alimentar os morceguinhos.

Na família dos ratos não cabia, apesar-do povo achar-lhe semelhanças, mas os murideos são roedores por excelência e a maior parte dos morcêgos se sustenta apenas de insectos, caçados na sua ronda da noite.

Tomou-se então por base, o característico da sua membrana alada que se estende das mãos aos pés, guarnecida na arqueadura, intimamente ligada dos braços ás pernas e ainda á cauda

e a um esporão que lhe nasce do calcâneo, deixando livre apenas os polegares anteriores e os cinco dedos em cada membro posterior, servindo-lhe estes para se dependurar, de cabeça para baixo, quando repousa, durante o dia, a dormir.

Ficou, portanto, o morcêgo a dentro de uma nova ordem, a dos Quirópteros, criada para os animais que se elevam e fendem o ar por meio de músculos possantes e que fazem vibrar com o movimento dos braços a membrana aliforme, como se fosse uma aza desprovida de penas.

Curiosas são também as orelhas, em refolhos, formando um pavilhão secundário ou orelhão e os franzidos do nariz, segregando um liquido que lhes serve para se lubrificarem. A bôca é muito larga, focinho agudo e o pescôço curto.

Os olhos são pequeninos, vê pouco, mas ouve á-maravilha e reveste-lhe o corpo numa camada de pêlo, semelhante á dos ratos.

Durante o inverno, nas outras partes do mundo, caem os morcêgos duma espécie de entorpecimento, ficando inânes, até que o primeiro calôr da Primavera os faça voltar a si, e então, desprendendo-se, deixam-se cair das furnas e esconderijos, para iniciarem de novo, a sua habitual vida nocturna.

Na Madeira, devido á benignidade do clima, não lhes acomete êsse sôno pesado de menses, e temo-los observado a voitar, ainda mesmo na estação invernososa.

Perderam, ha poucos anos, um amplo refúgio que era o Sanatório dos Pobres, na freguesia do Monte, quando o edificio estava abandonado e por concluir, antes de ser adaptado a Hospital Civil.

Nos agulheiros das frontarias, viviam colónias de morcêgos, assinalando a sua estada, com laivôs de imundicie pelas paredes ainda grosseiras, e escremento caído na base, aos monticulos.

Ao entardecer e pela noite, saem á caça de insectos crepusculares, e ainda alguns se encontram ao recolher das andorinhas e outros pássaros, mas o seu vôo é bem diferente, singrado e

aos rodopios e mudanças rápidas de direcção, por isso, as corujas os não apanham, furtando-se-lhes, cautelosamente.

Tambem a luz os não incomoda tanto como ás aves de rapina nocturnas, e, deste modo, aproximam-se das lampadas de iluminação electrica, onde as falenas entontecidas, se deixam agarrar.

Os nossos morcêgos, são da sub-ordem dos micro-quirópteros, ou de pequeno talhe, e da familia dos Vespertilionídeos.

Os géneros se distinguem mais especialmente pelo formato das orelhas, a abertura das narinas, a extensão da membrana alada, dos membros, cauda e esporão, e ainda pelo formato e número de dentes. Uma das espécies pode ser considerada própria da região, pelas modificações que o meio lhe imprimiu.

O mais pequenino, o *Vesperugo madeirensis* Dobson, é peculiar á Madeira e ás ilhas Canarias. Tem o corpo atarracado, focinho liso, orelhinhas laterais distanciadas e pelagem castanho-escura, sedosa.

Vôa alto, ao cair da tarde, quando os melros se recolhem ao arvoredo. Predomina na região baixa e abriga-se nas furnas rochosas. (*)

O *Pterygistis leisleri* Kuhl, é um pouco maior que o anterior, a estensabilidade da membrana regula por três vezes o tamanho do corpo. As orelhas são tambem pequenas, ligeiramente arredondado o orelhete, a cauda e esporão compridos. Os incisivos do maxilar inferior são talhadas em meia lua. Pêlo curto, pardaço-acinzentado, que reveste tambem o ante-braço pela parte interna. Prefere a meia encosta e volita baixo, irrequieto, não se demorando muito no mesmo local e ao retirar-se, eleva-se aos zigue-zagues, despedindo depois a fuga. Já foi encontrado nos troncos carcumidos de velhas arvores.

O *Plecotus auritus* (L.) E' o maior dos nossos morcêgos e faz dos outros, uma acentuada diferença. Chamam-lhe o *orelhu-*

(*) J. Johnson no Cap. FAUNA do livro «Madeira, Its Climate Scenery» além da espécie madeirense, menciona apenas o *Vesp maurus* (Blas.), porém este, desde então, (1885) não mais foi obser-

do, por ter as orelhas muito grandes, verticais, ligadas entre si pelo rebordo da base; as externas, esguias, em forma de lingueta, dobradas na parte superior. Contam-lhe 36 dentes. Sai á caça, já de noite. Quando descança, abate as orelhas sobre a frente ou esconde-as sobre os braços. Pelagem do dorso mais farta e de côr cinzenta escura.

Habita nos revãos naturais, abrigados, no travejamento dos palheiros da gado e entre o fôrro dos alpendres.

Os nossos morcêgos prestam um grande serviço, pela devastação que fazem nos insectos noturnos, prejudiciais á agricultura e que dão origem a milhares de larvas roedoras das plantas e seus frutos.

Por outro lado, o excremento do morcêgo é um dos adubos mais concentrados e activos e tanto que, em alguns países, especialmente na America do Norte, se lhe preparam abrigos escavados em furnas, com albarradas e traves, onde convenientemente possam pousar, recolhendo-se os dejectos que são um importante condimento na química agricola.

Seria um exemplo a imitar, abrirem-se singelos covis com um tapume nas rochas de meia costa, onde passam as estradas, para os morcêgos se recolherem.



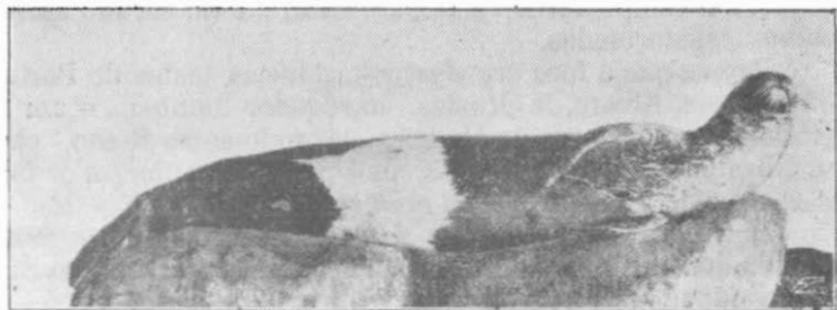
NO MAR

A foca

Como foram encontradas pela gente dos bateis, que da cavela de Zarco andava em reconhecimento da costa, nos dá noticia o Dr. Fructuoso, descrevendo o local delas, no L.º 2.º Cap. VII das "Saudades":

«em huma rocha delgada á maneira de ponta baixa, que entra muito no mar; e entre esta rocha e outra fica hum braço de mar em remanso, onde a natureza fez huma grande lapa, ao modo de camara de pedra e rocha viva.

Aqui se meteram com os bateis e acharam tantos lobos marinhos, que era espanto».



A foca das Desertas

Explica depois, no cap. XVII:

«Hindo da ribeira dos Socorridos para o Occidente hum quarto de legoa está huma aldeya que chamão Camara de Lobos perto do mar, que têm huma calheta pequena e huma furna onde dormiam e dormem ainda lobos, de que tomou nome, o Logar, e os capitães da ilha, o de Camaras, pelos achar nella o primeiro capitam João Gonçalves Zarco».

No declinar do século XVI, residiam as focas ainda no seu solar madeirense, pois atesta o cronista que ali *dormiam e dormem*, como as do Mediterrâneo, das quais já Virgílio dissera nas «Georgicas» 4.

Sternunt se somno diversae in littore phocae

=Estiram-se a dormir diversas focas na praia

... despreocupadas, as nossas, sem sonhar num novo inimigo que as vinha surpreender tão barbaramente na ilha, oferecida pela sorte, aos navegadores do Infante, que não tendo mouros a combater, «mataram muitas dellas e tiveram na matança muito prazer e festa».

Zarco, em galardão dos seus serviços, teve seu «brazão d'armas em hum escudo de campo verde, huma torre de omenagem, com huma cruz de ouro, no cimo, e com dois lobos marinhos encostados a ella, que parece que querem trepar ao cume da torre, com seu paquife e folhagens vermelhas e verdes; e por timbre das armas hum lobo tambem marinho assentado em cima do paquife».

O rei-de-armas, porém, achou que deviam ser lobos carniceros, em campo verde, a trepar a torre, e no escudo assim ficaram transformadas.

Parece que a foca era desconhecida nas costas de Portugal, e tanto que, Alvaro de Ornelas, navegador tambem, e um dos primeiros povoadores da Madeira, levando-as ao Reino, causaram bastante admiração, ainda mais por amamentarem os filhos, e assim, lhes chamaram—as *mulheres do mar*.

Duas sereias representam as focas no brazão desta familia, como se vê encimando a porta do seu palacio, á Rua do Bispo, construído no século XVII.

Gomes Piz, outro navegador, que, segundo Azurara (*) seguiu a caravela enviada por Zarco ao reconhecimento da Costa Africana, trouxe muitas peles de lobos marinhos *de que fez carga a seu navyo e tornou-se pera o regno*.

A ordem dos Pinípedes abrange os mamíferos que teem os membros em fôrma de remos, dispostos para a natação, e dêles uma familia é a dos Focídeos, a que pertence a foca.

Conheceram-na os antigos gregos e romanos, mencionando-a Aristóteles, Eliano, Virgílio e outros clássicos, referindo-se ás encontradas no Mediterrâneo e Mar Vermelho. Mais tarde, com o adiantamento da navegação até os polos, outras fócas foram assinaladas, apresentando orelhas, pelo que ficaram sendo as otárias.

A foca da Madeira é originária do Mediterrâneo, migrada nos tempos geológicos da modificação dêsse mar que lançou sobre as ilhas atlânticas mais próximas, recentemente formadas, a influência marcante da sua fauna e flora.

Vivendo a maior parte do tempo na água, a fôca procura o seu sustento nesse meio, nutrindo-se de peixes, crustáceos, moluscos, etc.

Tem o corpo alongado, pesadiço, grôssô no peito, adelgacando para a cauda que se oculta entre os pés. A cabeça é arredondada, fronte larga, focinho curto, volumoso, ventas altas em rasgão paralelo, podendo fecha-las quando mergulha. Olhos grandes negros, circulares, com membrana nictitante e sem sobrelhas. Bígodes ralos, rígidos, esbranquiçados. Maxilar inferior retraído. Pêlo curto, aveludado, escuro, cobrindo o orificio do ouvido. No abdomen, um avental claro, que lhe deu o nome de—*foca-de-mancha-branca*, já assim chamada em 1817.

Em cada um dos seus membros, notam-se cinco dêdos enleados numa membrana espalmada; os das mãos, em comprimento decrescente, do polegar para o mendinho, terminados em unhas compridas e possantes. Diferentemente se apresentam os dos pés, em palma mais espessa e forquilhada, sendo o dêdo médio o mais curto, maiores e engrossados os dos extremos.

As unhas dos pés, ou são rasas ou nulas, desgastadas pelo arrastamento; não assim, e bem visivel, a do indicador, que por ficar retraído, se conserva bem saliente, mais longe do solo.

Unindo os membros posteriores, assemelham-se a uma barbatana caudal, dando-lhe forte impulso quando imersa, porém, em terra, o principal esforço na deslocação, é accionado pelas mãos e grande mobilidade da coluna vertical, ondulando o dorso, quando o animal se apressa na fuga.

A foca tambem se serve dos dentes para se agarrar ás rochas e melhor trepar.

Vários autores incluem-na no genero *Phoca*—*Ph. vitulina* L.,

porém, outros, atendendo a certos característicos dominantes, como sejam, a dentição e formato dos membros, a apartam nos géneros *Monachus* ou *Stenorhyncus*. (*)

Nas furnas do litoral das Ilhas Desertas, quasi disfarçada a abertura na maré alta, procuram as focas a sua morada, pela reinterância de pequenas abras, praínhas e canais, formados no labirinto de massas vulcânicas, onde há galerias de comunicação.

Normalmente se reúnem nas câmaras de refúgio, porém, em chegada a época do acasalamento, começam as brigas, e cada macho procura vivenda á parte, trazendo consigo duas ou três fêmeas, para a formação de nova família.

Numa gruta arenosa são depostas as crias, aconchegadas numa cama de algas sêcas, e as mãis não abandonam os filhos nos primeiros dias, carinhosamente os amamentando, voltando-se de um e outro lado ou erguendo-se nas patas posteriores, cuidadas, por sua vez, pelo chefe que traz a comida ás parturientes.

Sabem disso, as gaiivotas que aproveitam a ocasião das refeições, para se intrometerem nas grutas, a fim de roubarem um quinhão, mas o atrevimento é pago, não raro, por algumas que

(*) **RICHARD LYDEKKER**—«The Royal Natural History»

The monk-seal (*Monachus albiventer*) belongs to a group differing from the preceding (Genus *Phoca*) by having but two pairs of incisor teeth in both the upper and lower jaws; and also by the first and fifth toes of the hind-feet being much longer than the others, and having theirs claws either rudimentary or absent. With the exception of the first in each jaw, the cheek-teeth are implanted by double roots; and the total number of teeth is thirty-two, against the thirty-four of the last group. The monk-seal is distinguished from the other members of the group by the character of its cheek-teeth; their being large, hollowed on the inner side, and marked with a prominent ring at the base, while the cusps on either side of the main cusp are very small. Moreover the claws on all the toes are small and rudimentary. The fur is short, and is darkbrown mingled with grey on the upper-parts and whitish beneath.

DR. JOHANNES LENNIS—«Synops der Thierkunde»

Stenorhyncus albiventer Gray

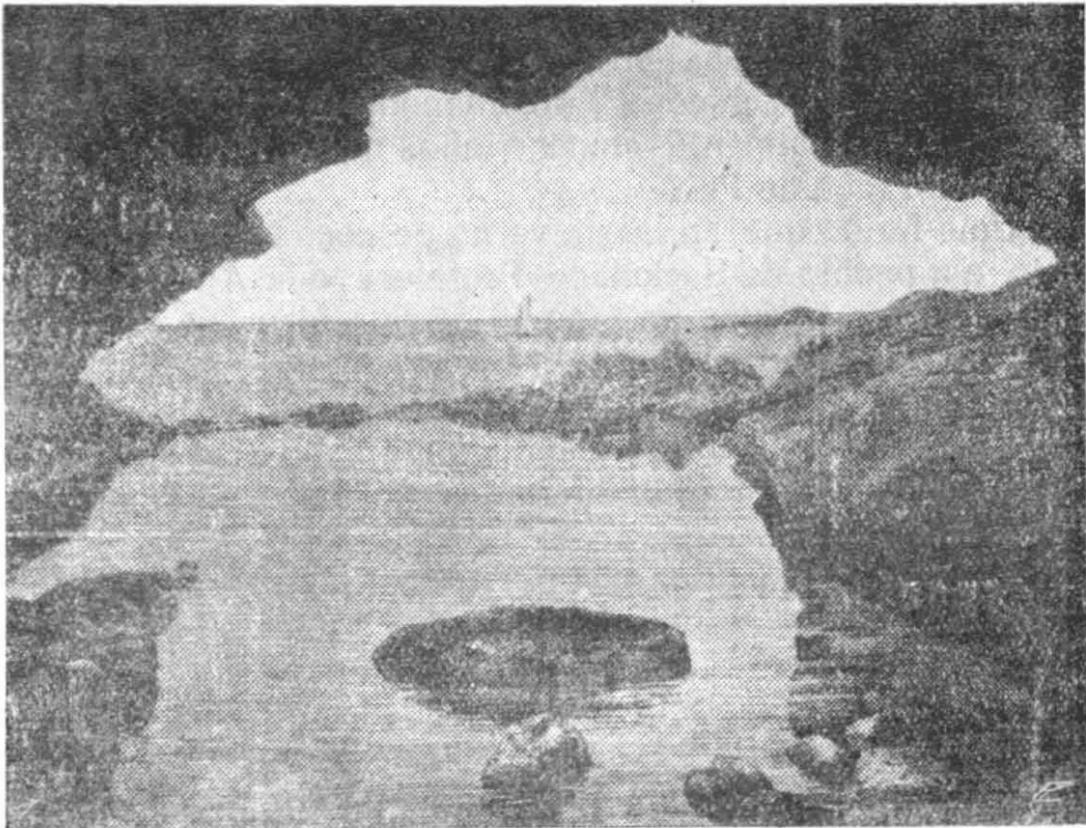
Mit kurzer, breiter Schnauze und breiten Schädel; die Backenzähne Kegelförmig mit vorderem und hinterem schwachen Rebenhöcker; oben dunkelbraun, nach unten mit zahlreichen undentlichen und unregelmässigen, brassgelblichen Fleckchen, unter dem Hinterleibe ein trapezförmiges gelblichweisses Felb.

lá ficam mortas ás dentadas, estabelecendo-se uma orquestra de rancos e pios estridentes.

A voz da foca tem várias modelações, consoante a expressão do motivo, e assim, se pode assemelhar a um mugido, ao uivo; e os juvenis se expressam, mais ou menos, como o cordeiro.

Com as mãos rapando sobre os miudos calhaus a sêco, são estes projectados a distância, o que produz um chuveiro intenso de pedradas para afugentar qualquer intruso.

Quando já podem engatinhar, as mãis os empurram á água, para as primeiras lições de natação e da pesca á *ruama*, isto é,



Uma furna na Deserta Grande—moradia de focas

ao peixinho miudo. Aptos a buscar a sua vida, são prontamente abandonados.

A foca nada com a cabeça fóra de água, galgando as ondas no mar revólto e mergulhando, a espaços, como um cetáceo. Explica Cuvier que uma grande sinuosidade no figado lhe serve para prolongar o tempo de imersão, não necessitando respirar para o movimento do sangue.

Gostam das noites de luar, vindo para a bôca das furnas contemplar a claridade e os efeitos de prata das ondas.

Não se distancia muito da sua habitação, e as nossas, preferem o desacompanhamento nas suas excursões, encontradas pelos pescadores sempre isoladas, o que acontece também, aparecendo apenas uma, de tempos a tempos, nas costas da Madeira ou Porto Santo. Talvez seja um dos característicos desta espécie.

Há uns trinta anos, sendo colhida a arpão, uma foca na enseada de Câmara de Lobos, aonde viera,—quem sabe?—de visita ao solar de seus antepassados, foi trazida para o lago médio do Jardim Municipal, constituindo um atractivo para muita gente que nunca tinha observado um destes animais de olhar meigo e atitude resignada (*) apanhando, pelo ar, como um cão, a comida, especialmente chicharrinhos que lhe atiravam, comprados na Praça do Peixe.

Uma ferida que apresentava no pescoço tomou um mau aspecto, e a pedido da Sociedade Protetora dos Animais Domésticos (!) foi morta com um tampão de clorofórmio e oferecida ao Gabinete de História Natural do Liceu.

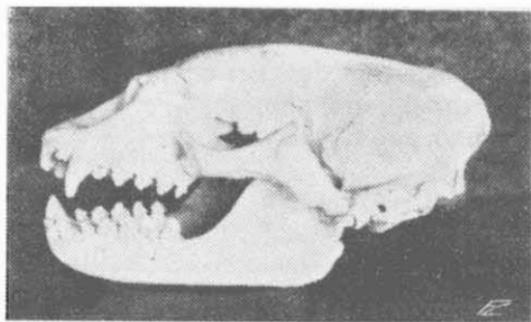
O «British Museum» possui alguns exemplares de *Monachus albiventer* obtidos em diferentes caçadas nas Ilhas Desertas.

E' pena que, sendo a foca um animal tão util, pelos valiosos serviços prestados ao homem, pelo óleo e pela pele, não mereça um especial carinho nesta região, ao menos, para que se não extinga, confinada como está a umas pequenas furnas das Desertas, onde são perseguidas á pancada, sem nenhum proveito, castigo apenas por se sustentarem do cardume miúdo, não pensando os pescadores na devastação que fazem os grandes peixes migratórios, e eles proprios provocam com o lançamento de bombas explosivas.

Num documentário cinematográfico, vimos com interesse o aproveitamento que os povos das regiões geladas tiram das focas, para se vestirem, cobrirem as cabanas com a pele, e fabrica-

(*) Um jornal, de então, chamava-lhe *monstro marinho*.

rem canôas; a carne curada ao fumo, para as reservas do longo inverno; o azeite dos toucinhos, para luz e combustível; as fibras dos tendões, para fios e cozeduras; os nervos, para cordas; o tecido das tripas, para vidraças; a bexiga, para reservatórios; e per-



Crâneo duma foca das Desertas

mutam, ainda, muitas peles, por todos os artigos que lhe são necessários.

A foca é um animal inteligente e susceptível de ensino, sendo apresentada nos Circos, em trabalhos desportivos e de equilíbrio, que causam geral admiração.

Cetáceos

Por falta de ensinamento e numa natural confusão, devido ao aspecto e ao meio em que vivem as baleias, julga o nosso povo que são peixes.

Constituem, porém um grupo de mamíferos, animais de grande corpulência, vivendo absolutamente na água, onde só se podem mover. A cauda bate de cima para baixo.

Respiram o ar atmosférico, a pele apresenta-se nua, os filhos são gerados no ventre materno e amamentados pelo úbere, geralmente colocado na região abdominal.

O seu talhe é fusiforme, a cabeça intimamente ligada ao corpo, os membros anteriores provêm da extremidades torácicas convertidas em barbatanas, tendo por dentro os dedos reunidos, as anteriores atrofiadas, e a cauda, mais a barbatana dorsal, quando existe, são formadas pela expansão da pele e do tecido adiposo.

No alto da cabeça tem dois espiráculos por onde respiram e jorram o ar queimado, em saturação de vapor de água, com o aspecto dum repuxo.

Da palavra latina *cetus* veio a designação da ordem dos Cetáceos, de variada configuração, não tendo dentes, a tribu dos Mysticetos; incluídos na dos Denticetos, quando os apresentam.

As baleias não teem dentes. Dentro da sua enorme bôca existem umas lâminas de substância córnea, fibrosa e flexível, conhecidas pelo nome de barbas-de-baleia, cujo número pôde exceder 300, chegando as dispostas a meio, a ter o comprimento de cinco metros e formam uma espécie de pentes, para a captura de pequenos sêres que engolem sem mastigar e absorvem uma enormidade de minúsculos organismos pelágicos, tão insensivelmente, como a acção de respirar. Os olhos ficam colocados logo acima da articulação da bôca.

A caça á baleia é muito antiga, tendo sido, talvez, os noruegueses o primeiro pòvo que a iniciou e com os seus productos conseguiu um importante comércio em óleos e barbas que, convenientemente preparados, tiveram grande procura para os adornos femininos, adaptados aos espartilhos, saias de balão, vergas de sombrinhas, etc.

Nos nossos mares, nunca se fez a caça á baleia e por isso não se podem identificar as que por aqui passaram.

Um antigo alvará proibia aos pescadores locais esta perseguição, por ser monopólio da Companhia Portuguesa das Baleias, o que foi novamente recomendado á empresa Watts, no século XVIII, quando obteve a concessão das pescarias nas Ilhas da Madeira e Porto Santo.

Tem acontecido, porém, virem dar á costa, em diferentes ocasiões, geralmente depois de tempestades, alguns grandes cetáceos.

Dizem «Os Anais do Porto do Santo» que, em 1766, naufragou no sítio do Penêdo um, onde se chama a Pedra da Baleia, e outro, em 1846, trazido ao Calhau do Pôrto das Cagarras. No Pôrto do Moniz, há notícia de outros dois, no passado século, que deram grande trabalho para ser removidos, aos pedaços, por estarem já em adiantado estado de decomposição.

—¿Seriam realmente baleias? (*)

A familia dos Balenídeos não tem barbatana dorsal, e o genero *Balaena* se caracteriza pelo crâneo elevado e a cabeça tão grande que abrange um têrço do côrpo.

Na fauna da região circumpolar ártica, se encontra a *Balaena mysticetus* Cuv., um dos maiores animais hoje existentes que pode exceder vinte metros de comprimento, mantendo-se porém sempre nas imediações dos gêlos, em bandos numerosos.

Baleias mais pequenas habitam no Atlântico setentrional e a *Balaena biscayensis* Eschr., da Biscaia ou gôlfo da Gasconha, reside tambem no Mediterrâneo.

A familia dos Balenopterídeos apresenta-se já com a dorsal, as peitorais lanceoladas e o abdome com sulcos cutâneos longitudinais. A *Balaenoptera musculus* (L.) e a *B. acuto-rostrata* Lacep. estão assinaladas na fauna marítima de Portugal.

E' mais provavel, portanto, que fossem balenópteros, os cetáceos que nesta região vieram encalhar, não só pelos restos da carcassa, mostrando a fôrma das vértebras e costelas e parte da região abdominal, sulcada profundamente.

Algumas vértebras, desbastadas das arestas, ainda se encontram a servir de assento, adaptado a môcho, nas humildes habitações de alguns pescadores da ilha do Porto Santo.

(*) E' vulgar, especialmente, no verão, a passagem de grandes cetáceos nêstes mares. O «Diario de Notícias» de 18 de Novembro de 1924, relata que o vapor «Borengaria» abalroou uma baleia (?) de dez metros de comprimento, cortando-a a meio, quando se dirigia para o porto do Funchal.

Dos cetáceos com dentes, uns, só os teem na mandíbula inferior, e dêstes, a familia dos Fiseterídeos, a que pertence o cachalote *Physeter catodon* L. (*Ph. macrocephalus* L., *Catodon macrocephalus* Gray) de desproporcionada cabeça que chega a abranger a quarta parte do corpo, com um enorme focinho truncado vertical. Um rudimento de barbatana dorsal aparenta apenas uma pequena gibosidade, alongada; as peitorais são curtas, a caudal bilobada, o queixo inferior um tanto retraído e mostra um só espiráculo de abertura recurvada.

Vivem os cachalotes em determinadas paragens dos mares temperados pelas correntes dos dois hemisférios, nutrindo-se especialmente de cefalópodes pelágicos.

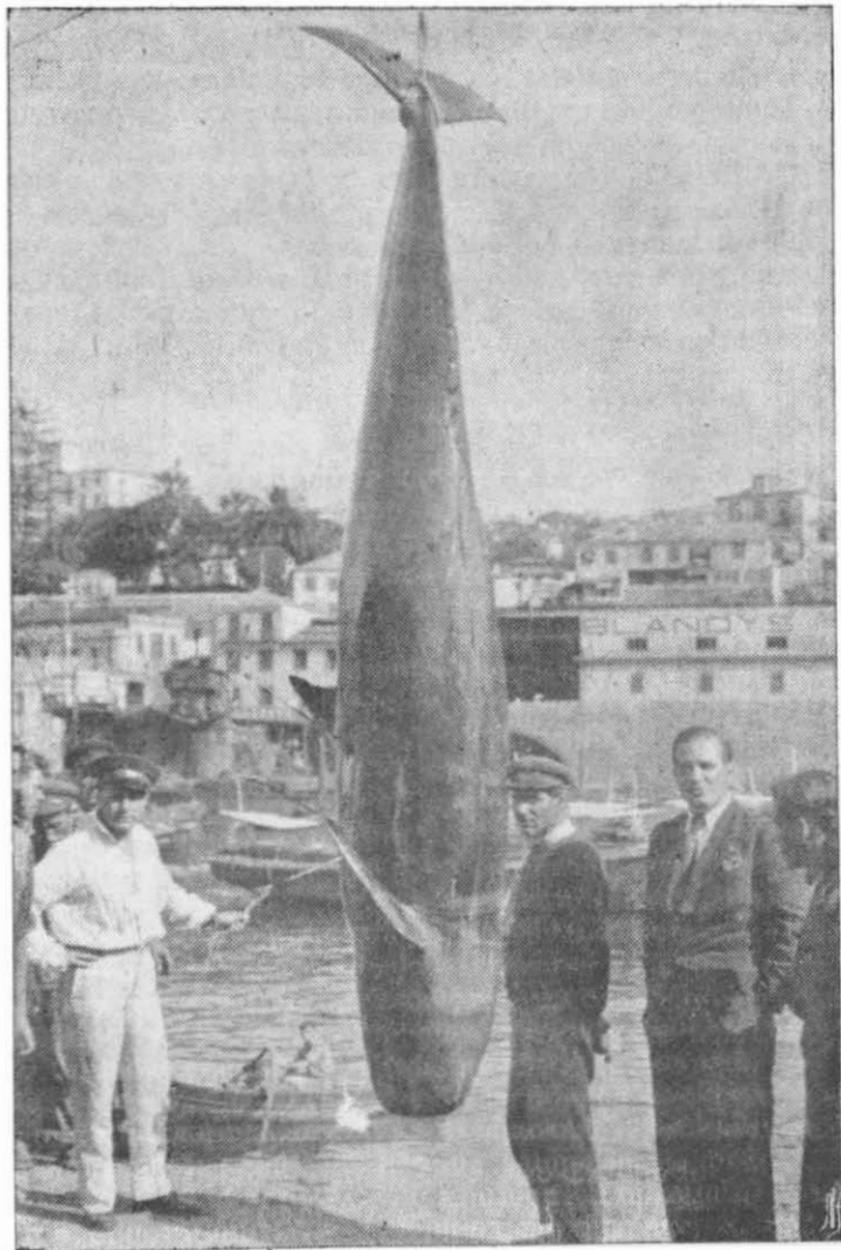
E' interessante a constituição da mandíbula superior, a qual, não tendo dentes, possui cavidades ou estojos onde se vem encaixar os do queixo de baixo, quando fechada a bôca. Assim dispoz a Natureza um aparelho apropriado para poderem trancar com segurança os escorregadios animais que se encontram nas profundidades oceânicas.

O príncipe Alberto, do Mónaco, no seu iate «Hirondelle» assistiu em julho de 1895, á caça dum cachalote, empreendida no mar dos Açores, pelos arrojados baleeiros da Ilha do Pico. E' cheia de emoção toda essa tarefa árdua e perigosa, onde a vida está suspensa por um fio, na arriscada luta com um monstro enfurecido que marra possante e golpeja com a cauda, provocando ressacas e redemoinhos tumultuosos na água, fazendo sosso-brar as embarcações.

No transe da agonia e pela lassidão muscular, abrindo as fauces hiantes, num farfalhar vomitoso, êsse cachalote lançou ao mar, vários polvos enormes que ainda não tinha deglutido, um dos quais, do comprimento de dois metros, possuia braços tão grossos como os de um homem, e guarnecidos de potentes ventosas com espinhos.

A frente do cachalote apresentava enrugamentos e depressões circulares, atribuidos á luta com os calmares que em podendo, lhe afincam os sugadores, mas o côrpo dêles vai sorvido, arrebatado dos oito pés tentaculares, demorados ainda em vitalidade das células. (*)

(*) Alberto I, prince de Monaco—La carrière d'un navigateur—Chap. VII La mort du cachalot.



Uua Delfm negro arpoado pelo Dr. Durão

As fêmeas, embora de menor corpulência, são mais temíveis, quando mães, na defesa da sua próle.

E' citada uma delas, na baía da Madalena, na Califórnia, que, tendo perdido um filho arpoado, fez sossobrar, por vingança, cinquenta e duas baleeiras, em poucos dias.

Os cachalotes agrupam-se em manadas em que predominam as fêmeas, frequentando de preferência, os mares entre 40 e 60° de ambas as latitudes.

Antigamente, abundavam nas imediações da Ilha de Ceilão, que foi nossa, onde hoje já são raros. Procuram o alto mar, não percorrido pela navegação, dormindo á tona de água, com sentinela de vigilância.

No dia 31 de Maio de 1936, a tripulação do barco a motor «Calcamar», em viagem do Porto Santo para a Madeira, encontrou, boiante no Mar da Travessa que separa estas ilhas, uma enorme massa negra, duns quinze metros de comprimento, que supoz ser uma baleia morta.

Passando um cabo em volta da cauda do desconhecido cetáceo, consegui rebocá-lo durante algumas horas, porém retardando a marcha do «Calcamar» que trazia a bordo uma pessoa bastante doente, carecendo de pronta assistência médica, teve que desistir do precioso achado, levado na corrente, a se perder de vista, para o sul.

Informações tomadas relatam ter o animal, uma cabeça desproporcionadamente grande, e o cõrpo na frente, *como a poupa dum navio ou um grande tronco de til cerrado*. (*)

Os ossos do cachalote são os mais acentuadamente esponjosos, contendo um líquido oleoso que se concentra, abundante num reservatório na parte anterior da cabeça, e se solidifica quando em contacto com o ar, tornando-se uma massa cerácea, esbranquiçada—o espermacete—que os nossos pescadores julgam ter sido expulsa do estómago destes grandes animais marinhos e por isso lhe chamam *gomito de baleia*, corruptela da palavra vômito.

(*) O til, *Laurus madetrensis* Larn., a maior das arvores indígenas da Madeira, quando vetusto, é a sua madeira dum negro retinto.

Um grande bloco foi trazido fluctuante, no século passado, á enseada do Gorgulho.

No intestino grôso do cachalote, por efeito dum cálculo intestinal ou endurecimento das feses, se forma, uma outra substância—o ambar cinzento—que é uma fortuna para quem a encontra, pois chega a valer dezenas de contos, produto usado na perfumaria e de aroma muito suave que não indica a sua proveniência.

Um cetáceo rarissimo, longamente afocinhado, que os pescadores baptizaram com o nome de *baleia de bico* (*) ficou prêso, em Maio de 1905, entre uma lingua de areia e a praia do Porto Santo. Tinha cêrca de 4 m. de comprimento. Foi ali facilmente morto e esquartejado, rendendo uma grande porção de óleo. A sua grande cabeça ficou enterrada na areia, e o tempo se encarregou de descarnar-lhe a caveira.

Tendo vindo á Madeira, Sir Sidney Harmer, especializado no estudo de cetáceos, verificou que era a dum *Mesoplodon densirostris* Andrews, fazendo-a transportar para o British Museum onde a seu cargo estava a secção de zoologia, relativa aos cetáceos, publicando depois uma Memória intitulada «On *Mesoplodon* and other beaked Whales. (**)

O género *Mesoplodon* tem dois dentes apenas, na parte média da mandíbula inferior, colocados correspondentemente, um de cada lado, como duas grandes prêsas. E' o representante de outros cetáceos fósseis do terciário, com os ossos do rostro marfinados.

O género *Grampus* encontra-se no Atlântico Norte e no Mediterrâneo. Um interessante estudo foi feito num *Grampus griseus*, arpoado pela missão científica do príncipe de Mónaco. Reconheceu-se também que não tinha dentes no maxilar superior, e no inferior a dentuça se acumulava na frente.

(*) Por uma intuição natural, deram-lhe um nome pelo qual já os ingleses assim o haviam designado por *beaked whale*.

(**) Proceedings of Zoological Society—July 1924.

Dêle é também, o «Guide to the Whales, Porpoises and Dolphins exhibited in the Department of Zoology—British Museum,

Segundo Henri Heldt (1) este cetáceo é um perseguidor dos atuns no Mediterrâneo, tendo sido observados, dum hidro-avião, os seus manejos, através das águas pouco profundas e transparentes da costa, e propôsto um processo para ser-lhe dada caça, empregando-se bombas explosivas lançadas d'esses aparelhos.

Nos Açores, já o conhecem, onde recebeu o nome de *grampos* adaptado da sua qualificação latina. (2)

Pela coloração azul ardósia, focinho cinzento, a dorsal estreita e pequena, supõe-se ter já sido visto nestas paragens. Chega a ter 4 m. de comprimento.

A família dos Delfinídeos abrange, mais propriamente, os cetáceos providos de dentes em ambas as maxilas.

Ao *Globicephalus melas* Gerv. foi-lhe dado, em português o nome de delfim negro. (3)

Atinge o comprimento de 7 metros. A cabeça é romba, tendo a bôca talhada a meia altura, com dentes cónicos, possantes, um tanto separados, de forma que se engrazam opostamente quando os cerra. A barbatana dorsal está situada a meio do lombo.

Um destes cetáceos apareceu morto, boiante, próximo á costa do Campanário e o seu esqueleto figura no Museu Regional. Um outro, a 4 milhas ao sul do Cabo do Garajau, foi arpoado, pelo Dr. Durão, que o ofereceu ao mesmo Museu, onde foi convenientemente preparado. Tem 14 dentes na maxila, 12 na mandíbula, 4.30 m. de comprimento, 0,90 m. de altura e tinha o pêso aproximado de 1.000 quilos.

A 9 de Setembro de 1935, apareceu um, na baía de Sines, que foi morto a tiros de espingarda de guerra. Foi o primeiro assinalado nas costas de Portugal. (4)

(1) Repérage des Bancs de Thons par Avion—Application à la pêche—E'tude des migrations.

(2) A revista «Açoreana», no Vol. I Fasc. II, publica um artigo histórico e de divulgação científica, intitulado «Gigantes dos Mares dos Açores», devido á pena do Padre Ernesto Ferreira, mencionando os cetáceos observados naquelas ilhas.

(3) Dr. Baltazar Osorio «Maravilhas da Natureza».

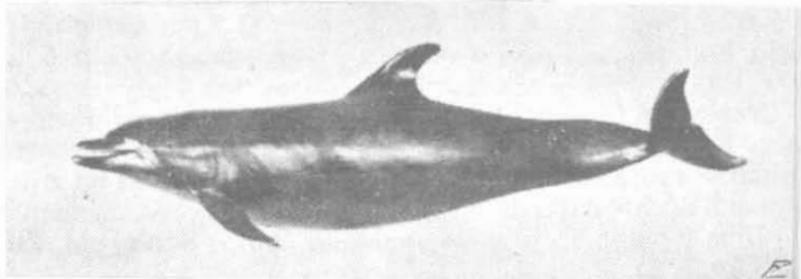
(4) O Professor jubilado da Universidade do Porto, Sr. Dr. Augusto Nobre menciona-o no seu magnifico trabalho «Fauna Marinha de Portugal».

O roaz de bandeira, *Orca gladiator* Gray, é de focinho grôso e reduzido, negro na parte superior e branco na inferior do corpo, com manchas claras, ovaladas, irregulares, lateralmente.

A bôca, bastante rasgada, está munida com fortes dentes, em grande número, que caracterizam a sua ferocidade. A cauda é possante e bipartida. Da sua dorsal alta e erecta, lhe vem a designação—de bandeira.

Pierre Blanchard, na sua História Natural, no começo do século passado, diz que a orca era conhecida dos antigos romanos, mencionando um divertido espectáculo, no pôrto de Óstia, mandado organizar pelo imperador Cláudio, numa caçada aos cetáceos.

«Este roaz é o terror dos pescadores do Algarve, pela pertinaz perseguição ao atum, e estragos que causa nas armações de pesca.



O roaz corvineiro

Dos roazes se extrai o azeite, e se aproveita a carne para salgar, merecendo contudo pouca importancia como alimento.

Estes cetáceos aproximam-se de terra, dando caça aos cardumes de atum, e é tal o terror que deste se apodera, que destroe completamente as redes das armações, para se pôr em fuga veloz e desordenada.

Os pescadores, afim de evitarem os prejuizos causados pelo roaz, logo que o avistam proximo da costa, saltam nas embarcações, e vão ao seu alcance, batendo a água com os remos, e fazendo grande alarido para o afugentar para o largo». (*)

(*) Baldaque da Silva—Estado actual das peçcas em Portugal—1892.

Sustenta-se também de pequenos peixes e é assás forte para perseguir os balenópteros.

Atinge 8 metros e algumas vezes mais, o seu comprimento. Tem sido reconhecido nos nossos mares, pela grande barbatana dorsal e máculas brancas pelo corpo.

Um outro cetáceo, porém, de mais reduzidas dimensões, e geralmente todo preto, é o roaz corvineiro *Tursiops tursio* Gerv. com o rostro ligeiramente deprimido, tendo uma barbatana alta, no dorso, talhada em fouce, semelhando, um tanto, a ligação da primeira dorsal da corvina. (*)

O corpo é pardo muito escuro, esbatendo-se a coloração para o abdomen.

A toninha, *Phocaena communis* Less., tem a cabeça arredondada, sem distinção para o rostro, e a barbatana dorsal mais ou menos triangular. A sua coloração é dum pardacento anegado, branqueando para o ventre. O seu comprimento é de 1 m. a 1,5.

Grupam-se ás varas, como os porcos, manobrando em extensas linhas ou colunas, em perseguição de cavalas, chicharros, sardinhas e mesmo dos congros, dando grandes saltos no ar, com o dorso bastante curvado, e seguem as embarcações em marcha.

Uma toninha ficou aprisionada no Porto Santo, em 1905, numa armação de atum.

O golfinho, *Delphinus delphis* L., é um pouco maior que a toninha—1,5 m. a 2 m. de comprido e distingue-se pela cabeça cilíndrica, transitando rapidamente para um focinho deprimido e aguçado e tem a bôca muito fendida com numerosos e aguçados dentes engrazantes.

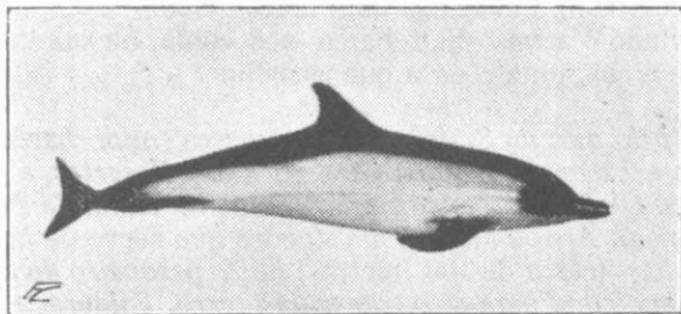
Associa-se em bandos que nadam ligeiros, lançando-se a espaços fóra de água, jorrando-a pela bôca. Quando se agitam em grandes pulos e se aproximam da costa, usa-se dizer que adivinham tempestades.

As toninhas e golfinhos entram nos rios á caça do peixe e alguns cetáceos vivem nas águas doces.

(*) Um exemplar se encontra no Museu Regional da Madeira, arpoado ao norte do Porto Santo, pelo Dr. Durão.

Os nomes vulgares dos cetáceos andam muito baralhados nos vários centros piscatórios de Portugal e Ilhas, e aqueles pelos quais, os pescadores duma determinada região os conhecem, são aplicados a outros, bem diferentes, noutra local.

Resumidamente, e duma maneira geral, podemos dizer que, na Madeira e Porto Santo, os mais pequenos, sem distinção, são chamados—bôtos; os medianos, com o focinho rombo,—toninhas, e em tendo um *bico achatado de ganso*,—golfinhos; sendo os grandes cetáceos, com dentes, denominados—bichas ou bôcas de panela.



O golfinho

A êstes ultimos, se atribue a devastação produzida nos cardumes de atum. (*) Por informações colhidas e comparadas, não andaremos longe da verdade, conjecturando que sejam os seguintes cetáceos:

- a) —o grampo—*Grampus griseus*.
- b) —o delfim preto—*Globicephalus melas*.
- c) —os roazes—*Orca gladiator* e *Tursiops tursio*.

Alguns pescadores querem dizer que as *bichas* são as que tem malhas claras.

Parece que alguns dêstes géneros se associam para o ataque aos tuniões, pois se afirma que são de diferentes feitios e côr, os que perseguem e dão cabo dos *cachos* de atuns.

(*) Sobre as diferentes espécies de atum e a sua regular passagem nestas águas, demos noticia no livro da nossa co-autoria «Os Peixes dos Mares da Madeira—1934.

Estes piratas da fauna marinha causam um prejuizo enorme á classe piscatória que tira do peixe grande, o melhor dos seus proventos.

E' desolador, vêr chegar os barcos, na faina ingrata do mar alto, desprovidos da colheita apeteçada, que seria a alegria em tanta pobre mansarda.

A Capitania do pôrto do Funchal fez já destribuir algumas espingardas de guerra, K.m[86, para serem alvejados os bôcas-de-panela, no louvavel intento da sua caça.

As manadas, porém, são tão grandes, que carecem dum efeito mais eficaz, como seja, as bombas explosivas propostas por Heldt. (já citado) e lançadas dum hidro-avião.

Ouvindo o arrais dum barco nos conta, na sua linguagem pitoresca e chã, uma cêna a que assistiu:

Foi pelo mês de S. João. Ia-se à pesca num barco-grande (4 remos e 2 leitos fechados) para fóra das Desertas, á procura dos atuns. O mar estava banzeiro e o vento vinha da Ponta (de S. Lourenço). Arriou-se a poita (pedra que serve de âncora) a duas linhas (cêrca de 100 metros) num pesqueiro de cabêço, e deu-se uma teima para se puxar mais á terra. Palavras não eram ditas, um bando de gaiotas appareceu numa dança e gritaria que vinha anunciar os atuns. O mar remexia, ao longe, em salseiro (pequena onda que se entrechoca) ouvia-se o resfolgar das bichas que vinham a galope e aos mergulhos e fizeram depois um cêrco. A espuma era côr de môsto á bica do lagar. Aquilo é que foi um combate danado. Sentia-se um mau cheiro da agonia. As bôcas de panela, com a dentuça afiada, deitavam o focinho de fóra para comerem á vontade e referviam naquele caldeirão pedaços de atuns já esquarterados.

Foi um dia de freima (susto) e de míngua (miséria) mas, louvado seja Deus, que tambem quere provar os pobres. Quem dá —bem se sabe que,—póde muito bem tirar.



Indice

	Pg.
Gado grosso e miúdo	5
» cavalari	7
» muar	15
» asinino	19
» bovino	23
» ovino	33
» caprino	39
» suino	44
O gato	50
O cão (<i>nota</i>).	51
O rato	55
O coelho	61
A lebre	67
O furão	68
O morcêgo	73
A foca	79
Cetáceos	85